INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

DIREÇÃO ACADÊMICA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

Maria José dos Santos Pimentel

ANÁLISE DO POTENCIAL DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO ÉTNICO-CRIATIVO NA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATU DOS ELEOTÉRIOS

CANGUARETAMA/RN

2021

Maria José dos Santos Pimentel

ANÁLISE DO POTENCIAL DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO ÉTNICO-CRIATIVO NA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATU DOS ELEOTÉRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Canguaretama, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Turismo.

Orientador: Márcio Marreiro das Chagas, Dr.

CANGUARETAMA/RN

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Catalogação na Fonte
Biblioteca IFRN – Campus Canguaretama

P644 Pimentel, Maria José dos Santos.
Análise do potencial de desenvolvimento do turismo Étnico-Criativo na comunidade do Catu dos Eleotérios / Maria José dos Santos Pimentel. -- Canguaretama (RN), 2021.
103 f. ; 30cm.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2021.
Orientador: Profº. Dr. Márcio Marreiro das Chagas.

1. Turismo 2. Comunidade Indígena 3. Desenvolvimento Turístico. I. Título.

CDU: 338.48(813.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Yuri Pontes Henrique - CRB15/461

Maria José dos Santos Pimentel

ANÁLISE DO POTENCIAL DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO ÉTNICO-CRIATIVO NA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATU DOS ELEOTÉRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Canguaretama, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Turismo.

Canguaretama/RN, 12 de abril de 2021

Márcio Marreiro das Chagas, Dr.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
(IFRN – Campus Canguaretama)
Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Darlyne Fontes Virgínio, M. Sc
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
(IFRN – Campus Canguaretama)
Membro da Banca Examinadora

Fellipe José Silva Ferreira, M. Sc
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
(IFRN – Campus Canguaretama)
Membro da Banca Examinadora

"Você nunca sabe que resultados virão da sua vida ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados".

Mahatma Gandhi

Dedico este trabalho à minha família, em especial a meus pais Maria Nilda e José Pimentel, por sempre me apoiarem em todas as minhas escolhas. Ao meu companheiro Geyson Fernandes, pelo apoio e carinho ao longo da minha formação profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as minhas conquistas, que apesar das dificuldades ele sempre me ajudou a vencê-las, “porque para Deus nada é impossível”. Lucas, 1; 37.

A minha mãe, Maria Nilda Ferreira dos Santos, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e me incentivando a lutar pelos meus objetivos e principalmente por me amar do jeito que sou. Ao meu pai José da Costa Pimentel, por ser esse pai incrível, que me apoia em todas as minhas decisões e que me ama, apesar de tudo.

A minha irmã Rosenilda dos Santos Pimentel, por ter sido pra mim a minha inspiração para lutar pelos nossos sonhos, me ensinou que na vida nada é fácil, mas que sem batalhas a vida não terá vitória.

Ao meu companheiro Geyson Fernandes da Silva por acreditar na minha capacidade de conquistar todos os meus objetivos, por sempre me apoiar e aconselhar em minhas decisões, por sempre estar comigo em todas as dificuldades e não me deixar desanimar, quando penso em desistir.

Ao meu orientador Dr. Márcio Marreiro das Chagas, pela oportunidade de participar do projeto de pesquisa que foi além do que eu imaginava, em que eu percebi a grande riqueza histórica e cultural da minha comunidade. Quero agradecer também, pela paciência e disponibilidade em todas as horas em que tive dúvidas. Obrigada por ter me proporcionado todo o seu conhecimento, como também todas as experiências vivenciadas durante minha formação.

Ao IFRN pela oportunidade de crescimento profissional e aos excelentes profissionais que compartilharam seus conhecimentos comigo e me apoiaram. Em especial ao professor Ubiratan Rodrigues, pelo incentivo prfissional para a criação do Katu receptivo, nos dando a oportunidade de realizar o primeiro roteiro turístico na comunidade. Que apesar do grande desafio, foi o incentivo para que nós concretizássemos nosso sonho de trabalhar com o turismo na comunidade do Catu e ajudar no desenvolvimento turístico local.

Aos professores Darlyne Fontes Virgínio e Fellipe José Silva Ferreira por todo o apoio em minha jornada como discente e na realização do sonho do nosso empreendimento turístico. Por todos os conselhos e as palavras de incentivo, agradeço de todo coração.

RESUMO

O presente estudo busca analisar o potencial de desenvolvimento do turismo étnico-criativo da comunidade indígena do Catu dos Eleotérios. O turismo criativo é caracterizado pela vivencia turística, buscando a interação e participação do visitante nas tarefas desenvolvidas pelos nativos da aldeia, simbólicas da cultura local, com a co-criação dinâmica entre eles. Visando o empoderamento sociocultural da localidade a fim de preservar a identidade étnica. Para isto, foi realizado um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa. A amostra foi não probabilística, por conveniência, em que a escolha dos indivíduos ocorreu através de alguns critérios. A coleta de dados foi realizada através de roteiros de entrevista semiestruturadas. A análise dos dados foi efetuada por meio da análise de conteúdo. Dentre os resultados obtidos foi a identificação das atividades com potencial para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo como produto turísticos foram: a agricultura familiar, gastronomia local, a trilha, oficina de pintura corporal, as plantas medicinais, lendas, ritual de toré e o artesanato, festas/eventos e a oficina de pintura. Quanto ao diagnóstico, observou-se que as atividades analisadas não estão em condições adequadas para o receber visitantes, o atrativo da trilha não há sinalização e manutenção do trajeto, também foi possível analisar que a maior parte dos residentes entrevistados possuem interesse em participar da atividade turística. Em relação ao roteiros criativos propostos foram sugeridos alguns roteiros criativos para as atividades analisadas. Ademais, essas atividades podem contribuir para a valorização social, cultural e para as tradições com base étnica, que possam ser vivenciadas pelos turistas, como atividades/atrativos que possibilitem o estimulo turístico na comunidade.

Palavras-chave: Turismo criativo. Comunidade indígena do Catu. Turismo étnico. Desenvolvimento turístico.

ABSTRACT

The present study seeks to analyze the development potential of ethnic-creative tourism in the indigenous community of Catu dos Eleotérios. Creative tourism is characterized by the tourist experience, seeking the interaction and participation of the visitor in the tasks developed by the natives of the village, symbolic of the local culture, with the dynamic co-creation between them. Aiming at the socio-cultural empowerment of the locality in order to preserve ethnic identity. For this, an exploratory descriptive study was carried out, with a qualitative approach. The sample was non-probabilistic, for convenience, in which the choice of individuals occurred through some criteria. Data collection was carried out through semi-structured interview scripts. Data analysis was performed through content analysis. Among the results obtained was the identification of activities with potential for the development of ethnic-creative tourism as tourism products were: family farming, local gastronomy, the trail, body painting workshop, medicinal plants, legends, toré ritual and the crafts, parties / events and the painting workshop. As for the diagnosis, it was observed that the activities analyzed are not in adequate conditions to receive visitors, the attraction of the trail has a lack of signage and maintenance of the path, it was also possible to analyze that most of the interviewed residents have an interest in participating in the tourist activity. Regarding the proposed creative scripts, some creative scripts for the analyzed activities were suggested. In addition, these activities can contribute to the social and cultural valorization, as well as traditions based on ethnicity, which can be experienced by tourists, as activities / attractions that enable the tourist stimulus in the community.

Key-words: Creative tourism. Indigenous community of Catu. Ethnic tourism. Tourism development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estruturação do produto turístico.....12
Figura 2 - Complementariedade dos munnicícpios no circuito turístico.....29
Figura 3- Senhor Daniel cultivando suas hortaliças. 43
Figura 4 - Plantações do senhor Daniel. 44
Figura 5 - Hortaliças de coentro. 44
Figura 6 - Cacimba artesanal. 45
Figura 7 – Toré. 48
Figura 8 - Ritual de toré.....48
Figura 9 - Plantas medicinais, Alecrim e Arruda. 50
Figura 10 - Residente Vando, relatando sobre a Fulozinha.....52
Figura 11 - Oferenda para Cumade Fulozinha. 52
Figura 12 - Filtro dos sonhos.....53
Figura 13- Samburá de cipó.....54
Figura 14 - Marácas de cabaças.....55
Figura 15 - Massa de tapioca.....56
Figura 16 - Beiju na palha de bananeira. 57
Figura 17 - Trilha Ecologica do Catu 58
Figura 18 - Barragem do Jacaré.....59
Figura 19 - Missa do Dia de todos os Santos. 60
Figura 20 - Mesa redonda na Festa da Batata.....61
Figura 21 - Pintura corporal.....63
Figura 22 - Jenipapo e urucum para a aplicação. 64
Figura 23 - Pintura com urucum.....64
Figura 24 - Jardim da Cura. 75
Figura 25- Tour pelo Jardim da Cura. 75

LISTA DE ABREVIATURAS

MTUR – Ministério do Turismo

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro comparativo dos conceitos de rotas, roteiros e circuitos. 30
Quadro 2- Questões analisadas na pesquisa. 33
Quadro 3 - Perfil da amostra..... 36
Quadro 4 - Atividades com potencial turístico. 38
Quadro 5 - Análise SWOT 69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **15**
1.1 PROBLEMÁTICA **15**
1.2 JUSTIFICATIVA **19**
1.3 OBJETIVOS **21**
1.3.1 Geral *21*
1.3.2 Específicos *21*
2 REFERENCIAL TEÓRICO **22**
2.1 Economia criativa 22
2.1.2 *Turismo em comunidades tradicionais* 23
2.1.3.2 *Turismo Criativo* 23
2.1.3.4 *Competitividade na atividade turística* 24
2.2 ROTERIZAÇÃO **26**
2.2.1 Rotas *26*
2.2.3 Circuitos *27*
3 METODOLOGIA DA PESQUISA **31**
3.1 TIPOLOGIA DO ESTUDO **31**
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA **32**
3.3 COLETA DE DADOS **32**
3.4 ANÁLISE DOS DADOS **35**
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS **36**
4.1 PERFIL AMOSTRA **36**
4.2 ATRATIVOS COM POTENCIAL TURÍSTICO DO CATU **38**
4.2.1 Agricultura familiar *41*
4.2.2 Oficina de Tupi *45*
4.2.3 Ritual Toré *46*
4.2.4 Plantas medicinais *48*
4.2.5 Lendas *50*
4.2.6 Artesanato *52*
4.2.7 Gastronomia *55*
4.2.8 Trilha *57*

4.2.9 Eventos *59*
4.2.10 Pintura Corporal *62*
4.3 DIAGNÓSTICO DOS ATRATIVOS **65**
4.3.1 Agricultura familiar *65*
4.3.2 Oficina de tupi *65*
4.3.3 Ritual toré *66*
4.3.4 Plantas medicinais *66*
4.3.5 Lendas *66*
4.3.6 Artesanato *67*
4.3.7 Gastronomia *67*
4.3.8 Trilha *68*
4.3.9 Eventos *68*
4.3.10 Pintura corporal *69*
4.4 EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS PROPOSTAS **70**
4.5 Apoio dos residentes ao turismo *73*
4.6 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS **74**
4.7 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS **74**
5 CONCLUSÕES **76**
REFERÊNCIAS **78**
APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DO ESTUDO. **82**
ANEXO A **105**

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problemática

A atividade turística vem crescendo em todo o mundo, estimulando os destinos turísticos e comunidades a crescerem turisticamente como estratégia para o desenvolvimento econômico, social e cultural, possibilitando a geração de emprego e na melhoria da qualidade de vida dos *stakeholders* (SILVA, 2014; SANTOS, 2014; VIEIRA, 2014). Nesta perspectiva, o turismo criativo surge como uma nova alternativa, no qual o turista vivencia novas experiências a partir das atividades cotidianas da comunidade receptora, visando uma interação entre o visitante e o residente (RICHARDS; RAYMOND, 2000).

Diante do crescimento da atividade turística no mundo é possível notar a grande concorrência no mercado turístico, pelo fato de ser considerada uma das atividades que mais movimenta a economia. Segundo Chagas (2014), o turismo é uma das atividades que mais estimula o desenvolvimento econômico em destinos indutores. Outro fator importante é o crescimento de novas possibilidades de produtos turísticos, como alternativa para o desenvolvimento local. Pode-se perceber que o turismo na região do Rio Grande do Norte possui foco principal no turismo de sol e praia, devido a sua grande extensão litorânea e as suas belezas naturais que atraem turistas de várias partes do mundo.

O estado do Rio Grande do Norte, destaca-se o turismo de sol e praia, pois o RN apresenta uma extensão de aproximadamente 400 km de litoral, o que atrai turistas de todo o mundo. Uma das praias mais famosas internacionalmente é a Praia da Pipa, que possui paisagens exuberantes. Além de Pipa existem outros locais que despertam o interesse dos turistas pelo RN. Como Barra do Cunhaú, conhecida no mercado turístico por seus atrativos naturais, a praia de Baia Formosa pelas suas piscinas naturais, Galinhos, São Miguel do Gostoso e as praias da capital, Natal.

Por isso, é necessário estimular novos produtos turísticos, para que assim, possa integrar os demais atrativos com uma visão mais ampla para a cultura de cada destino. Diante dessa realidade, surge a possibilidade do desenvolvimento do turismo criativo, que abrange novas perspectivas, tendo em vista o envolvimento do turista com o residente de uma determinada comunidade, focada nos valores culturais.

Esse tipo de segmentação é uma forma de incluir os visitantes a partir de experiências significativas na participação e interação com os aspectos culturais de cada povo, como estratégia para o envolvimento com a comunidade local.

Dessa maneira, é apresentado o turismo criativo como forma de empoderamento sociocultural de base étnica. De acordo com Molina (2001), na construção de uma relação entre a comunidade local e o turista, partindo desse caráter mais humanístico e valorizando as práticas culturais, é preciso estimular os talentos e a criatividade local de forma que não se marginalize a comunidade.

O turismo criativo vem se consolidando no Brasil, dentre outros tipos de segmentos turísticos, no qual as pessoas buscam vivenciar atividades da cultura local de uma determinada comunidade. Dessa forma, pode gerar resultados positivos no crescimento socioeconômico de uma determinada localidade. Portanto, faz-se necessário essa nova forma de inovação turística, que busca promover a preservação e a valorização da cultura local, a fim de estimular sua identidade (MOLINA, 2011).

O crescimento desse segmento turístico atrai um público mais exigente que busca experiências autênticas, com base na cultura local. Com isso, o mercado cria novas oportunidades de negócios para que seja possível desenvolver novos produtos com base nas experiências culturais e sociais. É a partir dessa perspectiva de novas possibilidades de produtos turísticos que pode-se destacar o turismo indígena, que está diretamente ligado a cultura.

Para tanto, o turismo criativo surge como forma de desenvolvimento turístico, social e cultural. Para Richards e Wilson (2007), o turismo criativo envolve profundamente os indivíduos na paisagem cultural do destino onde estes participam em atividades consideradas diferentes, tais como: o artesanato, as artes, a culinária e outras atividades criativas, criando assim uma ligação estreita entre os visitantes, a população local e o patrimônio cultural do destino. Nesse sentido, a aldeia Catu se destaca com essas características culturais, em que o visitante pode vivenciar novas experiências, tendo total participação nas atividades executadas pelos próprios residentes da comunidade, gerando a imersão do turista nos aspectos culturais do local, através de atividade cotidianas dos autóctones.

Deste modo, vários locais que antes não tinham se atentado ao potencial da atividade, começam a vislumbrar benefícios vindos do eixo turístico. Nesse sentido, surgem novas alternativas de segmentos turísticos, como o turismo sustentável, de aventura, religioso e dentre eles, tem se dado mais atenção ao turismo criativo que vem se destacando como potencial cultural, no qual possibilita ao visitante conhecer o destino, além de interagir nas atividades cotidianas dos residentes, gerando uma nova perspectiva em relação a experiência vivenciada pelo turista. Para Richards e Raymond, (2000) o turismo criativo é definido como uma forma de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo por

meio da participação ativa em cursos e experiências de aprendizagem que são característicos do destino de férias onde são realizadas.

Com isso, o turismo criativo se torna um criador de experiências, por fazer possibilitar que as pessoas interajam com os costumes locais e com os residentes. Além de permitir a percepção de novas culturas e identificar as singularidades da localidade (SOARES, 2001). O surgimento do turismo criativo proporciona aos envolvidos, uma estratégia para o desenvolvimento econômico, além do fortalecimento dos valores culturais. Para isso, é fundamental que os destinos turísticos estejam sempre melhorando seus produtos e serviços, de acordo com os aspectos culturais específicos de cada lugar, de forma a se tornar mais competitivo.

Conforme Brandão, Barbieri e Reyes Júnior, (2013), a participação dos residentes é essencial no processo de planejamento e gestão do turismo, favorecendo a realização de atividades sustentáveis e que tragam benefícios para os envolvidos. Vale ressaltar que a percepção da comunidade sobre a prática do turismo é de grande relevância para a melhoria no planejamento e direcionamento na tomada de decisão.

É notório que a atividade turística implica em aspectos positivos e negativos. Com o plenejamento bem estruturado e adequado a cada tipo de segmento e principalmente aos destinos turísticos é possível minimizar os impactos negativos causados pelo turismo e maximizar os impactos positivos. Mas para que seja possível desenvolver um turismo sustentável é necessário que o planejamento envolva todos os *stakeholders*, gerando o desenvolvimento turístico local sustentável. Segundo Beni (2006), o desenvolvimento sustentável não engloba apenas o desenvolvimento econômico de uma localidade, mas abrange também os fatores ambientais, sociais e culturais.

Nesse contexto de desenvolvimento do turismo criativo em comunidades de base étnica, pode-se elencar que a comunidade do Catu dos Eleotérios possui aspectos culturais relevantes na cultura indígena, costumes e tradições mantidas no local. A comunidade já desenvolve a atividade turística através do turismo étnico e do turismo pedagógico, realizado nas escolas Alfredo Lima e João Lino (primeira escola do Rio Grande do Norte reconhecida como indígena pelo MEC em 2015).

É pertinente elencar os diversos fatores culturais da comunidade, como as manifestações culturais, como a Festa da Batata, um evento que ocorre anualmente no dia 1° de novembro, no qual celebra a colheita da batata doce, principal fonte de renda da comunidade. O artesanato local, a produção de farinha de mandioca, a culinária local, agricultura familiar, plantas medicinais, ritual do toré e as trilhas que que se diferem pela sua quilometragem. Sendo elas de

5 km, 10 km e a de 18 km, entre outras atividades que possuem potencial turístico e podem ser trabalhadas enquanto produtos turísticos.

Neste sentido, é possível observar que o Catu dos Eleotérios tem potencial para o desenvolvimente do turismo étinico-criativo devido suas características culturais, o que abre novas possibilidades de produtos criativos associados a experiência. Tendo em vista, essa nova perspectiva na vivência do visitante na comunidade e na participação efetiva nas atividades cotidianas realizadas pelos residentes, é possível gerar de fato a interação do turista com a cultura local.

Foram desenvolvidas pesquisas na comunidade do Catu que objetivaram avaliar o apoio dos residentes, os impactos da atividade turística, percepção dos residentes, roteirização para o turismo criativo, roteiros turísticos inteligentes e pesquisas de demanda turística para os roteiros turísticos, realizados com os turistas na Pipa (SILVA; CHAGAS, 2017; SILVA; CHAGAS, 2017; SILVA; SILVA; CHAGAS, 2017; FERNANDES; CHAGAS, 2018; FÉLIX; CHAGAS, 2019; ROCHA; CHAGAS, 2019; MARTINS; CHAGAS, 2019; PIMENTEL; CHAGAS, 2019; CHAGAS, 2020; SILVA; CHAGAS, 2020). Estas pesquisas evidenciam que os residentes apoiam o desenvolvimento turístico local, e que os residentes possuem uma percepção favorável sobre a atividade turística. Estes trabalhos são importantes ferramentas para auxiliar novos estudos relacionados a este contexto, como também possibilitar o desenvolvimento turístico da cominidade.

Diante deste fator, faz-se necessário criar novas alternativas para mostrar aos residentes que é possível desenvolver o turismo na comunidade de forma que traga benefícios tanto econômicos, quanto sociais. Contudo, uma das maneiras que podem minimizar esses impactos é inserir os residentes no processo de planejamento participativo, capazes de criar ações em prol do desnvolvimento turístico e social dos residentes.

Tendo como foco o desenvolvimento do turismo étnico-criativo na comunidade do Catú dos Eleotérios, o presente estudo buscou analisar a seguinte questão: Qual o potencial de desenvolvimento do segmento de turismo étnico-criativo na comunidade Indígena Catu dos Eleotérios?

1.2 Justificativa

O turismo criativo busca proporcionar experiências significativas para o visitante e no desenvolvimento de uma relação igualitária entre o residente e turista, gerando a criação de novos sentidos e identidades nos destinos turísticos (RICHARDS, 2011).

Na comunidade do Catu dos Eleotérios já são desenvolvidos alguns segmentos turísticos, como o turismo pedagógico, realizado nas escolas Alfredo Lima e João Lino, e o turismo étnico. No entanto, o relacionamento interpessoal entre turistas e residentes não é algo bem trabalhado na comunidade. Neste sentido, faz-se necessário estimular a interação e participação dos autóctones na atividade turística realizada na comunidade.

Contudo, os turistas "criativos" estão engajados no desenvolvimento de novas relações com a vida cotidiana dos destinos (STYLIANOU-LAMBERT, 2011). Os turistas buscam cada vez mais experiências autênticas, onde exista uma troca de conhecimento entre os visitantes e residentes. Com isso, a comunidade do Catu dos Eleotérios, pode oferecer aos visitantes uma vivência baseada na cultura local de modo que possa haver a integração dos visitantes nas atividades cotidianas dos residentes.

Nesse contexto, as atividades executadas pelos moradores ganham novos sentidos, o qual deixam apenas de ser uma atividade rotineira para se tornar uma nova possibilidade de geração de renda, além de dar mais visibilidade as atividades de caráter cultural e manifestações culturais desenvolvidas na comunidade.

Neste sentido, a atividade turística seria um dos principais agentes para que os residentes participem do processo de desenvolvimento turístico da comunidade, com o intuito de gerar a valorização cultural local, na geração de emprego e renda aos moradores locais e que também pode promover uma nova visão de mercado para residentes. Outro aspecto positivo que pode ser trazido pelo turismo étnico-criativo é a participação dos moradores quanto partes fundamentais para a realização da atividade turística, já que eles desempenharão o contato direto e indireto com os visitantes.

Há também a necessidade de estabelecer a participação dos residentes no desenvolvimento da prática turística, fazendo um turismo colaborativo, para que possa haver uma melhor distribuição de renda entre os moradores, gerando a descentralização da arrecadação de recursos financeiros vindos da atividade turística. Justamente pelo fato de que, a principal fonte de renda dos moradores da comunidade é a agricultura familiar, e com o auxílio do desenvolvimento do turismo possibilitaria outras fontes de renda na comunidade.

Quanto a relevância acadêmica, o estudo visa contribuir na geração de informações para agregar conhecimentos para trabalhos futuros, no âmbito de pesquisas acadêmicas, já que há a carência de estudos referentes a essa abordagem e promover o incentivo a novas pesquisas sobre o tema, já que estudos dessa tipologia são de certa forma escassos.

Do ponto de vista prático, o estudo objetiva contribuir para o desenvolvimento turístico na comunidade, quanto no incentivo da participação colaborativa dos residentes e no estímulo para a gestão do turismo na comunidade para um planejamento voltado para o desenvolvimento da atividade turística, visando a participação dos residentes na tomada de decisões.

Como residente da comunidade e graduanda do Curso Superior em Gestão de Turismo, gostaria de ajudar a promover o turismo na comunidade Catu, utilizando todos os meus conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, a fim tornar a minha comunidade um destino turístico capaz de promover aos visitantes uma experiência singular com base na cultura. A partir desse desejo de auxiliar a minha comunidade a crescer turisticamente e fazer com que os residentes possam enxergar a atividade turística como um meio, pelo qual seja possível gerar benefícios culturais, econômicos e sociais. Diante disso, surgiu a ideia de criar uma empresa chamada Katu receptivo, criada por dois discentes do curso superior de Gestão de Turismo do IFRN – Campus Canguaretama e residentes da comunidade Geyson Fernandes da Silva e Maria José dos Santos Pimentel com o objetivo de promover roteiros turísticos com o intuito de integrar os residentes na atividade turística.

Quanto na colaboração para os moradores o turismo pode auxiliar no fortalecimento cultural, social e econômico dos autóctones. Pois um dos grandes desafios encontrados é a participação dos residentes na atividade turística e a centralização da atividade em poucos grupos familiares. E com a implantação do turismo étnico-criativo, pode proporcionar a interação dos moradores no desenvolvimento da atividade turística e na participação desses atores para melhorar a distribuição de renda. A atividade turística consiste numa prática socioeconômica capaz de promover o desenvolvimento social, econômico e cultural de um destino (EUSÉBIO; CARNEIRO, 2012).

O estudo da atividade turística permite uma visão mais ampla, acerca da compreensão sobre a percepção dos agentes sociais envolvidos na prática turística, num contexto social e cultural. Por isso, faz-se necessário novas ações de incentivo para o desenvolvimento da atividade turística em comunidades indígenas agregados a cultura e a criatividade.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar o potencial de desenvolvimento do segmento de turismo étnico-criativo na comunidade indígena do Catu dos Eleotérios.

1.3.2 Específicos

a) Identificar as atividades representativas da cultura indígena realizadas pelos residentes com potencial para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo;

b) Diagnósticar o potencial de desenvolvimento de produtos étnico-criativos a partir das experiências culturais identificadas;

c) Propor roteiros com base no turismo étnico-criativo na comunidade do Catu.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Economia criativa

Historicamente, o conceito de economia criativa tem origem na indústria criativa. Esta deu-se através do projeto *Creative Nations*, na Austrália em 1994. Esse projeto tinha como finalidade a valorização dos trabalhos criativos, que visavam a contribuição dos envolvidos na economia local, aliando a tecnologia à cultura (REIS, 2008).

O termo economia criativa proposto por Howkins (2001), é definido como economia criativa como negócio das ideias, no qual novas ideias e invenções são comercializadas e vendidas, que podem consistir em ações criativas, que através do trabalho intelectual podem gerar valor econômico. Nesta visão, o autor mostra a economia criativa como uma maneira das pessoas transformarem as ideias em algo de valor.

A Unesco (2010) apresenta a economia criativa como forma de estimular o crescimento econômico e mostrar novas altenativas para o desenvolvimento, principalmente por possuir como base a criatividade e utilizar as características culturais e sociais de cada país ou região no desenvolvimento de bens e serviços competitivos.

Apesar da definição sobre a economia criativa esteja em constantes mudanças, a UNCTAD sugere uma definição:

> A economia criativa é um conceito em evolução com base em ativos criativos, potencialmente geradores de crescimento e desenvolvimento económico. Pode promover a geração de renda, criação de emprego, receitas de exportação, promover a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. Ela abrange os aspetos econômicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia, propriedade intelectual e os objetivos do turismo. A economia criativa leva também no seu coração as indústrias criativas" (UNCTAD, 2008: 04).

Como na definição da UNCTAD, a economia criativa é um conceito em evolução. Assim, a economia criativa abrange diversos campos que possuem a criatividade e a cultura como seu alicerce e que desempenham uma papel fundamental no desenvolvimento e crescimento da indústria criativa. Que interligados podem proporcionar vários benefícios econômicos. Como consequência positiva da economia criativa, ela promove a geração de emprego, na exportação de ganhos e na estimulação de geração de renda, promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano (UNCTAD, 2010).

2.1.2 *Turismo em comunidades tradicionais*

Brandão, Barbieri e Reyes Júnior (2013), afirmam que o desenvolvimento do turismo em regiões indígenas sugere salvaguardar os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais que são impactados com essa atividade. Neste sentido, torna-se importante que haja a preservação da identidade local e ambiental, para que assim não afetem diretamente a comunidade e os seus residentes, sendo fundamental cuidar e proteger a cultura. Vale salientar que é importante minimizar os impactos negativos trazidos pela atividade turística.

O Decreto Lei n. 6.040/07, define os povos e comunidades tradicionais como:

> Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 316).

Essas singularidades existentes nas comunidades tradicionais, faz com que ela se diferencie, cujo aspecto dela implica em princípios e valores que refletem na vivência de um determinado grupo de pessoas. Preservar o bem-estar dessas comunidades é garantir a identidade cultural de um povo.

Segundo Leal (2007, p. 22), o turismo indígena é compreendido como aquele que é "alimentado pelo interesse de ter acesso à cultura e ao povo indígena, buscando conhecer seus costumes, tradições e crenças no próprio ambiente de vivência dos mesmos".

No desenvolvimento do turismo deve haver o controle e planejamento da atividade, pois desta forma pode minimizar os impactos negativos e maximizar os ganhos para a comunidade envolvida como também para os visistantes que poderiam desfrutar de um turismo diferenciado que proporciona experiências singulares e de diversidade cultural que proporciona o contato com a diversidade local e a prática das atividades tradicionais culturais existentes nela..

2.1.3.2 *Turismo Criativo*

De acordo com Richards (2003) um dos principais motivos do surgimento do turismo criativo é a necessidade da autocriação que ocorre por consumo de conhecimento especializado. Em outras palavras Scitovsky afirma que "o consumo de conhecimento especializado basea-se na motivação intrínseca e no desenvolvimento das capacidades e competências dos próprios consumidores" (Apud RICHARDS, 2003, p.114). Assim, o consumo se dá através de um processo espontâneo em que o consumidor desenvolve atividades que fazem parte de uma

determinada comunidade, mas que além de cocriá-la, gera de fato um processo dinâmico e significativo de conhecimento e aprendizado.

Segundo Richards e Raymond (2000), o turismo criativo foi definido como sendo um tipo de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através de uma participação ativa em experiência de aprendizagem, característico do destino de férias onde eles são realizados. O turismo criativo oferece ao turista a interação, participação e a cocriação das atividades desenvolvidas na localidade, possibilitando experiências autenticas e inovadoras.

Richards e Raymond (2000), em sua proposta inicial, acreditavam em um conceito de Turismo Criativo que seria um passo adiante do que era denominado Turismo Cultural.

> Turismo criativo difere do turismo cultural tradicional de várias formas, mas a mais significativa é que requer um elevado grau de participação por parte do consumidor — ou a mudança do consumo para o "pro-sumo". O argumento básico é que, como estruturas sociais e culturais não conseguem mais fornecer segurança individual e reconhecimento, as pessoas começam a se desenvolver através de "consumo qualificado" (RICHARDS, 2002 apud HUMMEL, 2016, p. 55).

Como visto, há diferença entre o turismo cultural do turismo criativo, ou seja, cada um tem suas expecificações, mas o turismo criativo tem o objetivo de fazer com que o visitante participe efetivamente das práticas cotidianas de uma determinada comunidade, despertando-o para um novo sentido de vivenciar experiências daquele povo a qual ele está visitando. Deixa de ser apenas a apreciação das atividades e da cultura daquele local para a cocriação das atividades consideradas tradicionais daquela comunidade.

Vale ressaltar que o turismo criativo está ligado a cultura, pois eles norteiam da mesma proposta que é gerar conhecimento ao turista a partir da cultura tradicional de um povo, através do consumo da matéria-prima da localidade, cujas características são definidas como patrimônio cultural (ASHTON, 2013; RICHARDS 2011).

Para Emmendoerfer e Ashton (2014, p. 458) os turistas buscam uma "vivência autêntica e significativa, somente possível envolvendo as quetões socioculturais e históricas que fomaram determinada cultura". Neste sentido, as pessoas procuram uma vivência diferenciada, que resulte em uma experiência singular de conhecimento e aprendizado, que envolve o visitante na participação das atividades cotidianas, ou seja, na coprodução de produtos ou serviços desenvolvidos pelos residentes que possuam caráter próprio da comunidade relacionados à cultura.

2.1.3.4 *Competitividade na atividade turística*

As organizações estão cada vez mais competitivas e para se manter no mercado elas necessitam inovar seus produtos e serviços que supram a demanda dos seus consumidores. Para Jungmann (2010, p. 21), a criatitividade “é o processo mental de geração de novas ideias”. Ou seja, a criatividade é um campo de ideias capazer de criar, inovar, transformar e materializar uma ideia em algo tangível ou intangível mas que possua um sentido ou objetivo.

> No ambiente organizacional contemporâneo, competitivo e caracterizado por constantes e rápidas mudanças, percebe capacidade de adaptação e padronização, mas também de inovação. Portanto, para as organizações desenvolverem a criatividade dos indivíduos de sua equipe, proporcionar um ambiente de implementação e transformação das ideias criativas em produtos, serviços ou práticas inovadoras, representa a manutenção de sua competitividade no mercado (TUDDA; SANTOS, 2011, p. 124).

A inovação e a criatividade são fundamentais para tornar uma organização competitiva, pois elas tem o intuito de gerar um diferencial que a impulsione a se destacar no mercado. Além de possuir impacto positivo e gera inovação de seus produtos e serviços, trazendo melhorias para a organização.

No processo competitivo os empreendimentos turísticos tem buscado cada vez mais se diferenciar no mercado, com o intuito de se destacar e possuírem melhores condições para competirem no campo econômico.

> Competitividade do turismo é a capacidade dos agentes de interferir nas atividades do turismo de interferir em um país, região ou zona turística, para atingir suas metas acima da média do setor de uma forma sustentada e sustentável, o que pode ser alcançado por concessões lucrativamente financiadas acima da média do setor, e por ganhos sociais e ambientais como consequência de intervenções de organizações e instituições públicas, além de obter a máxima satisfação do turista. Assim, o objetivo último da competitividade é atender da melhor forma possível às expectativas de todos os agentes que participam na atividade de turismo (SILVA, 2004, p. 374).

A inovação pode proporcionar novas oportunidades no mercado, essas mudanças ocorrem para gerar a melhoria desses processos e gerar novos produtos e serviços. Assim essas organizações buscam sempre adequar seus produtos e serviços para atenter as expectativas dos seus clientes. Com isso, conseguem se diferenciar das outras organizações e manter uma vantagem competitiva.

No setor turístico essa necessidade de criar novos produtos não é diferente. Com isso, surge a criação de novas ramificações de um segmento, ou seja, para cada grupo existe um tipo de segmento. Dessa forma, o turismo se adapta as necessidades dos seus consumidores e do

mercado, o que pode proporcionar vantagem competitiva, pois vive em constantemente processo de inovação dos seus produtos e serviços.

2.2 Roterização

2.2.1 Rotas

As rotas são uma das práticas turísticas mais procuradas no turismo cultural (MAIA; MARTINS; BAPTISTAS, 2011), pois podem possibilitar uma nova perspectiva para o desenvolvimento da atividade turística, na oferta de uma maior diversidade de produtos e serviços turísticos que facilitam o acesso de um destino e que estimulam a oferta turística local, tonando-a mais rentável e viável.

De acordo com Paula e Bastos (2002), afirmam que a elaboração de uma rota turística deve ser composta por quatro etapas: definição da rota que será implementada, apresentar quais os pontos turísticos que compõe a rota, efetuar o levantamento geográfico e de acesso que ligam os pontos turísticos e aplicar um programa que irá traçar a rota. Esses elementos se referem às fases de planejamento e desenvolvimento de uma rota turística.

A roteirização pode estimular o desenvolvimento turístico, pois integra diversos produtos e serviços turísticos, o que garante uma maior abrangência dos recursos turísticos de um destino. Desta forma, contribui para o aumento do fluxo turístico e gerar a permanência do visitante por um período maior de tempo.

O Ministério do Turismo conceitua rota como:

> [...] A rota é um itinerário com contexto na história, ou seja, o turismo se utiliza da história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística. Ex. Estrada Real, Rota dos Tropeiros etc., onde o turista percorre o mesmo caminho trilhado por alguns personagens de uma determinada época. Na rota, existe uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados e há sempre um ponto inicial e um ponto final. É importante ressaltar, também, que uma rota pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas. (BRASIL, 2007, p. 28).

A rota turística é um elemento fundamental para a comercialização e organização dos atrativos. Além disso, a rota pode englobar vários atrativos num só roteiro, o que influencia na escolha do destino, podendo resultar na consolidação dos produtos.

2.2.2 Roteiros turísticos

Os roteiros são constituídos por atrativos turísticos, gastronomia, comunidade local e eventos, como também pela estrutura na receptividade dos visitantes, como as estradas, hospitais, hotéis e praças (SEBRAE, 2014). Os roteiros são a junção de diversos serviços e produtos turísticos de um determinado destino capazes de atender às necessidades do viajante.

> Os roteiros quando bem elaborados conseguem montar a "alma" do lugar. Eles não são apenas uma sequência de atrativos a serem visitados, são também uma ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente de uma determinada localidade (CRESTANI, 2012, p. 11).

O roteiro turístico constitui vários elementos de um destino, compreendidos como produtos turísticos, que são capazes de envolver o visitante e atender as necessidades dos turistas, mas que também, possa satisfazer os interesses da comunidade receptora quanto ao desnvolvimento da atividade.

Segundo Tavares (2002, p. 15) os roteiros "tornan-se peças fundamentais na organização e na comercialização do turismo como produto". Neste sentido, os roteiros são importantes para o processo do crescimento turístico de um destino, pois é através dele que é realizada a divilgação do lugar. Para o MTUR (2007), a roteirização turística é uma maneira de prolongar a permanência do visitante no local, e consequentemente, aumentar seus gastos. Com isso, a permanência dos visitantes no local pode acarretar na demanda de serviços locais como restaurantes, pousadas, lanchonetes, hotéis entre outros, que podem impactar de forma positiva no destino.

Os roteiros turísticos podem ser utilizados como instrumento de divulgação das potencialidades de um destino, por meio de atrativos que sejam representativos do lugar (DANTAS; MELO, 2011) fazendo com que os visitantes possam ter diversas experiências com o lugar, com a cultura e com os residentes (PIRES, 2017). Desta maneira, os roteiros são fundamentais para a promoção do destino turístico, em que os atrativos possuam uma identidade cultural e para diversificar os produtos turísticos locais.

2.2.3 Circuitos

Para Oliveira e Santos (2006, p.333), a sistematização de circuitos turísticos é obtido devido "à necessidade de se obter vantagens competitivas, onde a disponibilidade dos produtos e serviços turísticos deve se complementar". Desta maneira, a organização e o planejamento dos circuitos podem auxiliar no desenvolvimento da atividade turística, aumentar o fluxo turístico e dispor de um maior número de atrativos de um destino.

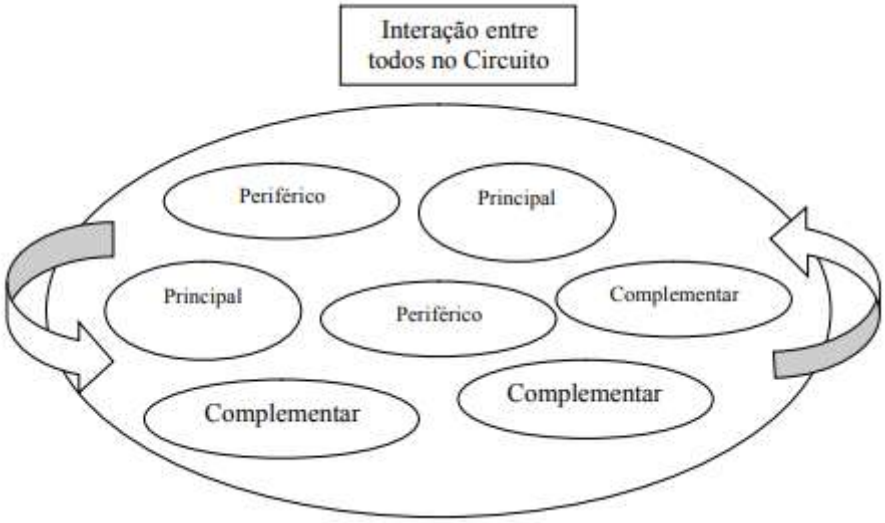
Segundo Santos (2004), o circuito turístico deve ser formado por municípios próximos e que possuam diversos aspectos em comum e singularidades capazes de atrair turistas. Assim, possibilitará uma maior diversidade de produtos e serviços turísticos encontrados num destino, além de alcançar as expectativas dos visitantes e tornar a viagem em uma experiência agradável.

Neste sentido, a organização dos circuitos turísticos são formados por um conjunto de fatores que vão desde o desenvolvimento da atividade até aos serviços prestados e a infra-estrtura local. Para isso, é necessário implementar normas e padrões de qualidade que permitam que os circuitos turísticos possam ser elaborados de forma integrada, o que proporciona ao turista um produto organizado, de fácil compreensão e que gere a curiosidade do turista pelo destino.

Teixeira, Vicentim e Aguiar (2006), afirmam que os municípios menores, podem se aliar a municípios mais desenvolvidos e que sejam próximos, para que assim possam desenvolver a atividade turística juntos. Consequentemente, irá motivar os visitantes a permanecer por um período maior de tempo no local e permitirá que o turista tenha uma visão positiva do destino.

A correlação entre os municípios é uma das características complementares que compõem um circuito turístico. Na figura 1, Valls (1996, p. 219) organiza os produtos turísticos como principais, periféricos e complementares.

Figura 1 - Estruturação do produto turístico



Fonte: Valls (1996)

No circuito turístico proposto por Valls (1996), os municípios são considerados como produtos turísticos, como mostrado na figura 2.

Figura 2 - Complementariedade dos municípios no circuito turístico

Fonte: Adaptado de Valls (1996)

Parte dos municípios que possuem uma infra-estrutura mais completa, com uma maior diversidade de serviços turísticos, como hotéis, restaurantes, pousadas dentre outros serviços e que possuem toda uma estrutura adequada para recepcionar os visitantes é definido como município principal, pois estes aspectos contém os serviços turísticos, essenciais para o desenvolvimento da atividade turística.

Os chamados municípios periféricos, são aqueles municípios que possuem atrativos capazes de atrair visitantes, mas que também possuam algum tipo de infra-estrututa turística. Isto faz com que gere demanda turística e possibilite a permanência do visitante. Já os municípios que possuem atrativos turísticos, mas que não dispõem de uma infra-estrutura turística e que necessitam de baixos investimentos, são denominados de municípios complementares, estes municípios fazem parte de circuitos turísticos, que possibilitam uma maior visibilidade no setor turístico, proporcionando um fluxo turístico.

Vale ressaltar que os circuitos proporcionam ao visitante uma grande diversidade de serviços e produtos turísticos e a integração desses municípios podem tornar ainda mais elevada a procura turística, pois amplia a variedade dos atrativos. Desta maneira, a criação de circuitos que englobem mais de um destino pode auxiliar no desenvolvimento turístico de uma cidade. Assim o município principal se beneficiará com o aumento da permanência dos turistas e eleva a geração de receita no destino e consequentemente aumentar o fluxo turísticos nos municípios vizinhos, periféricos e complementares, gerando a descentralização econômica, além de incentivar o desenvolvimento da infra-estrutura local, para melhor atender os visitantes.

A complementariedade no circuito possibilita o crescimento de um destino, mas para isso, deve ser focada na satisfação do turista, e principalmente da comunidade. Visto que, o desenvolvimento da atividade turística cresce cada vez mais na comunidade do Catu dos Eleotérios, os planejadores devem desempenhar um trabalho em conjunto com os residentes, pois a interação dos residentes é fundamental para a realização de um turismo dinâmico e cooperativo. Além disso, a comunidade tem uma diversidade de atrativos e produtos turísticos que podem gerar demanda turística e que se trabalhada de forma conjunta permitirá a geração de benefícios para toda a comunidade.

Como visto no tópico 2.2 foi abordado os subtópicos de rotas, roteiros turísticos e circuitos, são conceitos destintos mas se relacionam entre si. No quadro abaixo será abordado os principais conceitos de cada um dos subtópicos elencados.

Quadro 1- Quadro comparativo dos conceitos de rotas, roteiros e circuitos.

CONCEITOS	
Rotas	"Um intinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística" (MTUR, 2010, P.31).
Roteiros turísticos	Os roteiros turísticos "podem ser uma das importantes maneiras de contextualizar atrativos e aumentar o seu potencial de atratividade, o que pode dinamizar o potencial de atração turística da localidade" (TAVARES, 2002, p. 20)
Circuitos	Para Santos (2004) o circuito turístico deve ser formado por municípios próximos e que tenham diversos aspectos em comum, singulares e capaz de atrair os turistas.

Fonte: Elaboração própria, 2021a partir de MTUR, 2010, Tavares, 2002, Santos, 2004.

Conforme o quadro acima, pode-se obsrvar que rotas roteiros e circuitos são conceitos distintos, porém possuem ligação em suas características. Entretanto, para a realidade da comunidade, o conceito que mais se adequa é o roteiro turístico, em que nele pode-se implementar uma diversidade de atrativos, sendo que na comunidade do Catu possui atividades com potencial turístico e que podem ser inseridas no roteiro turístico.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo serão abordados os elementos que caracterizaram a metodologia utilizada neste estudo, que foi divididos em quatro partes, sendo elas: a tipologia do estudo, população e amostra, coleta de dados e análise dos dados.

No primeiro tópico a tipologia do estudo faz alusão a caracterização do tipo de estudo realizado, na segunda parte é a definição da população e a amostra que foi delimitado pelo estudo, na terceira parte é apresentado os instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados. Na quarta e ultima parte é exposto as técnicas aplicadas na análise dos dados.

3.1 Tipologia do estudo

A pesquisa buscou analisar o potencial de desenvolvimento do turismo étnico-criativo na comunidade indígena do Catu dos Eleotérios, como forma de desenvolvimento turístico de base étnica. O estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo, com abordagem analítica qualitativa.

> Os estudos exploratórios tem por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias. Realiza descrições precisas da situação e quer descobrir relações existentes entre seus elementos componentes. Requer planejamento flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos e de um problema ou de uma situação. Recomendado quando há pouco conhecimento sobre o trabalho estudado (CERVO, 2007, p. 63).

Segundo Veal (2011), a pesquisa descritiva tem a função de investigar e descrever o objeto de estudo. Com o uso do estudo exploratório, é possível conhecer melhor a comunidade e investigar a relevância do potencial turístico cultural, para se trabalhar no desenvolvimento do turismo. Veal (2011, p.76) cita que uma pesquisa qualitativa é definida como:

> A abordagem qualitativa da pesquisa normalmente não se preocupa com números. Envolve a coleta de uma grande quantidade de informações sobre um pequeno número de pessoas, em vez de uma pequena quantidade de dados sobre um grande número de pessoas. a informação coletada não é, geralmente, apresentada de forma numérica. (Veal, 2011, p, 76)

Na pesquisa qualitativa, buscou-se compreender como se dá a interação dos residentes no desenvolvimento do turismo na comunidade e identificar as atividades cotidianas dos residentes que possuem potencial turístico.

3.2 População e Amostra

Para a amostra foram abordados os residentes que já desenvolvem atividades locais, tais como: o artesanato, agricultura familiar, a trilha, culinária local, plantas medicinais, ritual toré, lendas, festas e eventos. Segundo Costa e Giannotti (2010) a amostra é um conjunto de elementos portadores de pelo menos uma característica comum de interesse para ser estudado pela ciência Estatística.

A amostra é definida por um subconjunto da população, que é selecionada para representá-la, ou seja, a amostra foi estabelecida a partir da escolha de residentes que desenvolvem alguma atividade com potencial turístico. A amostra da pesquisa foi não probabilística, por conveniência, que Segundo Vergara (2006), este tipo de amostra seleciona elementos pela facilidade de acesso.

Neste sentido, houve uma seleção dos residentes para a realização das entrevistas. Em que foram selecionados a partir dos requisitos estabelecidos na pesquisa, sendo eles: residentes que atuam na prática da agricultura familiar, artesãos, pessoas que produzem alimentos da culinária local, residentes que possuem plantas medicinais, condutores da trilha, conhecedores das lendas da comunidade, pessoas que conhecem a língua tupi, residentes que fazem a pintura corporal, representantes dos eventos realizados na comunidade e praticantes do ritual do toré. A população deste estudo foi constituída pelos membros da comunidade do Catu dos Eleotérios que desenvolvem algumas dessas atividades que fazem parte da cultura local, em que obteve um total de vinte e oito entrevistados, sendo eles, doze pessoas do sexo feminino e dezesseis pessoas do sexo masculino.

3.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no período de setembro à novembro do ano de 2018. Os dados foram obtidos através de um roteiro de entrevista semi-estruturado (Apêndice A), desenvolvido para cada atividade analisada na realização da investigação. Segundo Mattos (2005), na entrevista semi-estruturada**,** o pesquisador possui um roteiro com questões ou tópicos a serem respondidos, com certo grau de flexibilidade, em que as questões não precisam seguir uma sequência fixa, visto que no percurso poderão surgir novas questões a serem formuladas.

O roteiro de entrevista foi desenvolvido para cada grupo de atividade executada pelos moradores, algumas destas atividades com potencial turístico de segmento criativo são: As lendas, plantas medicinais, roteiro da trilha, agricultura familiar, eventos e festejos da comunidade, culinária local, ritual do toré e o artesanato.

Vale ressaltar, que no decorrer da coleta de dados, as entrevistas não seguiram um padrão rigoroso sobre a ordem das perguntas, pois as entrevistas ocorreram de forma dinâmica, possibilitando um diálogo entre o pesquisador e o entrevistado. Além disso, as questões elaboradas para a execução das entrevistas foram desenvolvidas de acordo com cada atividade selecionada para o levantamento das informações.

Quadro 2- Questões analisadas na pesquisa.

QUADRO DAS QUESTÕES ANALISADAS NA PESQUISA			
Objetivo Geral	**Objetivos Específicos**	**Autores Referênciados**	**Roteiro de entrevista**
Análisar o potencial de desenvolvimento do segmento de turismo étnico-criativo na comunidade do Catu dos Eleotérios.	Identificar as atividades representativas da cultura indígena realizadas pelos residentes com potencial para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo.	Valls (1996) Emmendoerfer e Ashton (2014) Oliveira e Santos (2006) Santos (2004) Maia, Martins e Baptista (2011)	1- O senhor(a) poderia falar um pouco sobre o significado/motivação/razão de existir do Toré, falar sobre sua finalidade e o que ele representa para a comunidade? 2- O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais membros participam, quanto tempo dura em média, onde e com que regularidade (dias e horários) ocorre o ritual? 3- O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais objetos e materiais são utilizados no Toré?
	Diagnosticar o potencial de desenvolvimeno de produtos étnico-criativos a partir das experiências culturais identificadas.	Crestane (2012) Ashton (2013) Reis (2008) Soares (2009) Richards e Raymond (2000)	4- O senhor poderia falar um pouco sobre a quanto tempo ocorre o toré na comunidade? E quanto tempo com regularidade? 5- O senhor(a) poderia falar u pouco sobre como e com que

			aprendeu a fazer o Toré e a qu tempo participa do ritual? 6- O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas de preparação do Toré, como é o passo a passo para que ele aconteça? 7- O senhor(a) pode falar um pouco sobre como é a participação ou comercialização do ritual para visitantes?
	Propor roteiros com base no turismo étnico-criaivo na comunidade do Catu.	Richards (2011) Silva (2004) Beni (2006) Crêspo (2014) Chagas (2014)	8- Geralmente esse ritual tem sido passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição? 9- O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo de como ocorre o Toré e em seguida comercializar a participação nesta experiência única para o visitante também? Por que? 10 - O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Na coleta de dados foram utilizadas dez roteiros de entrevistas, sendo as questões elaboradas para cada tipo de atividade. Para as entrevistas, inicialmente foi realizado um levantamento das atividades com potencial turístico, após esta seleção foi elaborado o roteiro de entrevista para fazer a coleta de dados. Logo depois, foram executadas as entrevistas com os residentes que desempenham essas atividades.

As entrevistas foram realizadas através de visitações às casas dos residentes. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo que, não foram todos os residentes que permitiram a gravação da entrevista.

3.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, que Bardin (1994, p.42 caracteriza como:

> “um conjunto de técnicas de análise da comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas" (BARDIN, 1994, p.42).

Segundo Bardin (1994), a análise de conteúdo consiste em três etapas, a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Para esse estudo foi realizado primeiramente a pesquisa bibliográficas que embasaram este estudo, a segunda etapa foi a realização das entrevistas com os residentes da comunidade do Catu e as transcrições das entrevistas. Por fim, a ultima etapa refere-se a análise dos dados, no qual buscou compreender a interação dos residentes sobre o desenvolvimento da atividade turística na comunidade.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise dos resultados deste estudo foram abordados quatro subtópicos sendo eles: o perfil da amostra, os atrativos com potencial turístico, diagnóstico dos atrativos e roteiros criativos propostos. No subtópico dos atrativos com potencial turístico, serão elencadas as atividades realizadas pelos residentes que podem ser trabalhadas como atrativos turísticos.

No que diz respeito ao diagnótico dos atrativos, serão analisadas o estado do atrativo, se há a possibilidade de implementação dessas atividades como atrativos, o interesse dos residentes em participar da atividade turística e quais as melhorias que podem ser realizadas nos atrativos. Já no último subtópico sobre os roteiros propotos, são alguns roteiros que podem ser trabalhados na comunidade, ou seja, foram criadas algumas propostas de roteiros turísticos a partir da integração das atividades cotidianas realizadas pelos residentes.

4.1 Perfil amostra

O quadro 01 apresenta o perfil da amostra da pesquisa, composta pelos residentes da comunidade do Catu que desenvolvem atividades representativas da cultura indígena local. Dentre os entrevistados, foram: agricultora familiar (sete), plantas medicinais (quatro), lendas (cinco), artesanato (cinco), oficina de pintura (quatro), oficina de toré (três), festas/eventos (três), culinária (dois), trilha (dois), oficina de tupi (um). Vale ressaltar que alguns dos residentes entrevistados desempenham mais de uma atividade, por isso, o número de entrevistados é menor do que a quantidade de atividades analizadas.

Quadro 3 - Perfil da amostra

SEXO	FAIXA ETÁRIA	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
Feminino	90	Agricultora Aposentada
Feminino	80	Agricultora Aposentada
Masculino	70	Agricultor
Feminino	68	Agricultora Aposentada
Feminino	66	Agricultora
Masculino	62	Agricultor
Masculino	59	Agricultor

Masculino	58	Agente Ademias
Masculino	55	Agricultor
Feminino	55	Professora Aposentada
Feminino	53	Agricultora
Feminino	46	Dona de casa
Masculino	44	Pedreiro
Masculino	42	Professor
Feminino	41	Agricultora
Masculino	41	Professor
Masculino	40	Vigilante
Masculino	39	Agricultor
Masculino	37	Artesão
Masculino	36	Professor
Feminino	35	Dona de casa
Masculino	34	Agricultor
Feminino	34	Agricultora
Masculino	31	Artesão
Masculino	28	Artesão
Feminino	25	Professora
Feminino	22	Artesã
Masculino	21	Artesão

Fonte: Dados do estudo, 2018.

Com relação a faixa etária dos entrevistados foi constatado que eles possuem de 21 à 90 anos. Sendo maior parte homens com renda mensal de um ou menos de um salário mínimo. Observou-se que os residentes que trabalham na agricultura familiar não possui o ensino médio completo, parte deles não concluiu o ensino fundamental, pois não tiveram oportunidade de estudar quando crianças e adolescentes. Em que os entrevistados alegaram que tinham outras obrigações como ajudar os pais na agricultura. Outro fato que os residentes relataram foi que o acesso à escolha era difícil, em que as escolas estavam localizadas em cidades vizinhas e não tinha transporte público na época para fazer o deslocamento até as escolas mais próximas.

Como é possível analisar na tabela 02, os agricultores entrevistados possuem a faixa etária entre 34 à 90 anos. Os residentes entrevistados que atuam como professores nas escolas locais foram cinco, sendo apenas uma residente que possui conhecimento sobre a língua tupi. As demais profissões citadas acima como artesões, vigilante e pedreiro, também atuam na agricultura familiar, ou seja, apesar dos residentes exercerem outras funções, a agricultura está presente no cotidiano deles. Quanto ao reconhecimento dos residentes como indígena foi

constatado que vinte e três estrevistados se afirmam indígena, já uma pequena parte com cinco residentes não se consideram indígenas. O estudo obteve um total de vinte e oito pessoas entrevistadas, sendo elas, apenas residentes da comunidade. Desta forma, a quantidade de entrevistas realizadas atendeu ao objetivo deste estudo.

4.2 Atrativos com potencial turístico do Catu

O quadro 3 refere-se as atividades/atrativos da comunidade do Catu que podem ser trabalhadas como produtos turísticos. Desta forma, serão apresentadas a caracterização de cada uma dessas atividades. A escolha das atividades ocorreu através da análise das atividades que são desenvolvidas na comunidade, mas que podem ser trabalhadas como atrativos turísticos, sendo que a análise partiu do pressuposto de que as atividades selecionadas possuam características da cultura local.

As figuras utilizadas no quadro abaixo foram criadas com o intuito de representar as atividades que foram analizadas neste estudo, em que cada figura possuem símbolos e cores que são representativas de cada uma delas. Além de gerar um caráter mercadológico, para ser utilizado futuramente.

Quadro 4 - Atividades com potencial turístico.

ATIVIDADE	CARACTERIZAÇÃO	FIGURA REPRESENTATIVA
Agricultura familiar	É uma atividade desempenhada pelas famílias que residem no Catu, em que as pessoas fazem as plantações de hortaliças e raízes para sua subsistência. Algumas plantações mais comuns na comunidade são: Batata, Macaxeira, Coentro e Alface.	
Ritual Toré	Momento em que os indígenas se reúnem para fazerem a o ritual em que dançam e cantam em volta de uma fogueira como forma de agradecimento a Tupã, que para os indígenas tupã significa Deus.	

Plantas medicinais	Pessoas que cultivam plantas que possuem substâncias que curam determinadas enfermidades. As plantas mais cultivadas pelos residentes são: Erva Cidreira, Boldo, Alecrim, Capim Santo, Arruda, Rumã e Mirra.	PLANTAS MEDICINAIS
Lendas	Histórias passadas de geração em geração que possuem grande significado para a comunidade. Como por exemplo a lenda da Cumadre Fulozinha, Lobisomem, Aja Pau, Pé de Panelinha.	LENDAS CONTADAS
Oficina de Tupi	É ofertada para os alunos das escolas locais, João Lino e Alfredo Lima, com a finalidade de transmitir a cultura através da língua Tupi. Ou seja, a oficina de tupi ainda não é disponibilizada para os visitantes.	OFICINA DE TUPI KATU
Artesanato	É uma atividade desenvolvida por alguns residentes da comunidade que aprenderam com seus parentes. Além disso, também é uma fonte de renda, pois é comercializado em feiras de cidades vizinhas e na própria comunidade quando acontecem visitações turísticas.	ARTESANATO

Culinária	Produção de alimentos típicos da cultura local, como beiju, tapioca, bolo de macaxeira, cuscuz de mandioca mole, bolo de batata e calambica.	CULINÁRIA CATU
Trilha	O percurso da trilha era utilizado pelos residentes como rota para cidades vizinhas, Várzea e Espirito Santo. Como também para a coleta de frutos silvestres, mangaba e bati. A trilha possui três trajetos que se diferenciam pela quilometragem, sendo elas a trilha de 18 km, de 10 km e 5 km.	TRILHA DO CATU
Eventos	Os eventos que acontecem na comunidade refletem a cultura local e a presença da religião católica. Algumas dessas datas são: • Dia do índio; • Festa de São João Batista • Festa da Batata.	FESTA/EVENTOS
Pintura Corporal	A pintura corporal possui significados ligados a flora e fauna da natureza. A coloração vermelha é feita pelo urucum, já a tinta preta é utilizado o jenipapo.	PINTURA CORPORAL

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Ao que se refere as figuras representativas das atividades expostas acima na tabela 03, os símbolos utilizados representam cada atividade. Na atividade da agricultura familiar, a cor verde das letras representam as plantações, já as figuras dos alimentos representam alguns tipos de alimentos que são produzidos pelos agricultores, como a batata doce, alface, coentro e a macaxeira.

Quanto ao ritual do toré as figuras em volta da fogueira representam as pessoas que participam do ritual, que cantam e dançam em círculo como forma de agradecimento, a fogueira é a representatividade do fogo que significa para os indígenas a luz e a energia. Na figura representativa das plantas medicinais, a cor verde faz referência as ervas medicinais, a figura da mão com a planta faz alusão aos residentes que cultivam essas plantas. Quanto as figuras utilizadas para a caracterização das lendas, a figura é representada pela imagem de uma mulher com os cabelos longos faz alusão a Cumadre Fulozinha e as árvores representam as matas da comunidade, sendo a Cumadre Fulozinha a protetora da mata.

A oficina de tupi possui como figura central a figura de uma indígena representa as crianças que é o público a qual é ofertada as aulas de tupi e a palavra Katu em tupi com a letra K, refere-se a algo melhor ou bom. A figura representativa do artesanato é um cocar, uma das peças de artesanato produzida na comunidade com forte ligação à cultura indígena. A culinária é representada pelas figuras de alguns alimentos produzidos na comunidade como a farinha de mandioca, batata doce como base para um alimento tradicional para os residentes que é a calambica, cuzcus de mandioca mole, tapioca, sendo todos os alimentos preparados a partir das plantações cultivadas na comunidade.

Para a caracterização da figura representativa da trilha, foi utilizado a figura de um caminho que faz alusão ao trajeto da trilha que era usado pelos residentes como rota para as cidades vizinhas e as àrvores representam a vegetação encontrada na trilha, como também na representatividade das àrvores frutíferas como a mangaba e o bati. Por fim, na atividade da pintura corporal as cores usadas representam a cor da tinta utilizada na pintura, em que a tinta preta remete ao jenipapo e o vermelho ao urucum. No tópico a seguir serão abordadas as atividades supracitadas na tabela 03, com subtópicos explicativos cada uma das atividades.

4.2.1 Agricultura familiar

A agricultura é uma prática familiar desempenhada pelos residentes da comunidade para a sua subsistência. As plantações são feitas as margens do rio Catu, em que, são encontradas

diversos tipos de hortaliças e raízes como coentro, alface, cebolinha, hortelã, couve, pimenta de cheiro, entre outras espécies de pimenta, quiabo, maxixe, pimentão, batata, macaxeira e inhame.

> Escolhi trabalhar como agricultor por causa do tempo de colheita que facilita no retorno financeiro e pelo rio que ajuda a manter o local sempre molhado, planto no paul, e gosto muito de ser agricultor, me sinto muito feliz de trabalhar desse jeito**.** Eu planto batata, macaxeira e outras hortaliças, de tudo eu planto um pouquinho, sempre gostei de trabalhar com agricultura é muito bom ver o que você plantou nascer. Vendo minhas mercadorias nas feiras de Goianinha e Canguaretama. (DANIEL, 2018).

É possível perceber que os residentes possuem uma ligação forte com a agricultura, que vai além de uma fonte de renda, ou seja, que é algo importante para eles, para além dos aspectos econômicos. Durante a entrevista, quando questionados pela forma de como ocorre o plantio, os entrevistados revelaram a técnica utilizada pelos agricultores como forma de manter suas plantações no período chuvoso, pelo fato de que, as plantações são feitas no paul (locais alagadiços próximo ao rio). No inverno, os agricultores migram suas plantações para o arisco (locais distantes do rio), para que assim consigam fazer a colheita. Os produtos colhidos na comunidade são comercializados nas feiras locais de Canguaretama, Goianinha, Pedro Velho e no distrito de Piquiri.

Esta atividade possui potencial turístico para o turismo étnico-criativo, pois possibilita a integração dos visitantes de forma direta, gerando novas experiências. Desta forma, pode possibilitar a conexão com a cultura local, a partir de atividades cotidianas, que possuem características da cultura indígena. Como também proporcionar a inserção do residente na atividade turística e gerar novas fontes de renda aos autóctones. No qual pode ser realizada a visitação nas plantações dos residentes e que eles apresentem como ocorre o processo de plantio e colheita dos produtos produzidos na comunidade, em que os visitantes podem participar de forma direta na atividade, como participar da plantação e/ou da colheita.

A figura abaixo, apresenta senhor Daniel em meio as suas plantações de coentro, alface e cebolinha. Como observado na imagem as plantações estão localizadas no paul, em que a cor do solo é escuro devido a umidade.

Figura 3- Senhor Daniel cultivando suas hortaliças.

Fonte: Dados do estudo, 2018

A imagem a seguir, mostrará como é realizada a colheita do coentro. Observou-se que o senhor Daniel costuma fazer a colheitas das hortaliças no período da tarde, pois a comercialização desses produtos só ocorrem no dia seguinte nas feiras locais e para que as hortaliças não murchem ele utiliza essa estratégia. Durante a colheita foi observado que para amarrar o coentro ele utiliza as embiras de bananeira (fibra seca extraída da casaca da bananeira) e para que as embiras não quebrem durante a amarração é necessário coloca-las na água. Após de amarrados o coentro é lavado nas águas do rio

Figura 4 - Plantações do senhor Daniel.

Fonte: Dados do estudo, 2018

A figura 5 mostra as plantações de coentro no arisco (local seco, distante do rio), como observado o solo possui uma coloração mais clara diferente diferente do solo encontrado no paul.

Figura 5 - Hortaliças de coentro.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

A figura 06, mostra uma cacimba (pequeno poço, feito para obter água) feita pelos agricultores para molhas as plantações que são feitas longe do rio. Essas cacimbas são feitas em locais com oieiros (nascente de água), em que os residentes procuram um local bastante úmido com oieiros de água, depois eles cavam o local escolhido e após isso, ele pegam areia do rio, espalham no local onde foi feito o buraco, então a água começa a jorrar.

Figura 6 - Cacimba artesanal.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

4.2.2 Oficina de Tupi

A oficina de tupi é realizada nas duas escolas da comunidade, João Lino da Silva e Alfredo Lima, nas quais, é ofertado o ensino integral para os alunos. Quando ocorre os intercâmbios e as visitações às escolas, é apresentado ao público uma pequena contextualização da inserção da língua tupi na comunidade. Após esse momento os alunos se apresentavam para os visitantes em tupi e faziam as apresentações de algumas palavras com dinâmicas. Então era aberto o momento para perguntas do público em relação ao que foi apresentado ou alguma dúvida sobre a língua tupi.

> A oficina de tupi iniciou no ano de 2014 a oficina surgiu na semana do índio em que a escola tava se programando para o dia do índio e a língua tupi não fazia parte dessa programação. Não sei se foi no primeiro ou segundo ano que entrei, que eu fiz a sugestão de também incluir o tupi na programação da semana do índio, em que era feita uma pequena apresentação sobre a língua tupi, onde eu falava mas os alunos

> também eram protagonistas desse momento e eles apresentavam também algumas palavras (CLAUDIANE, 2018).

No relato de Claudiane pode-se perceber que era realizada uma programação nas escolas em comemoração ao dia do índio que é realizado no dia 19 de abril. No entanto, não havia um momento específico para a apresentação da língua tupi.

> Como os intercâmbios aconteciam na escola, recebi muitas pessoas no ambiente escolar. No primeiro momento se pensou em apresentar essa atividade na escola já que as visitações aconteciam na escola e porquê não tem outro lugar para se fazer essa atividade (CLAUDIANE, 2018).

A oficina de tupi é trabalhada no turismo pedagógico, em que os visitantes são recepcionados nas escolas locais. Entretanto, essa atividade não é ofertada para outros grupos que não fazem parte do segmento do turísmo pedagógico, pois na comunidade não possui um espaço com uma infraestrutura adequada como a escola para receber os visitantes.

> A finalidade da oficina para a comunidade é recuperar a língua, pois não é uma tarefa fácil, é uma língua que já vem sendo estudada há bastante tempo, mas as deficiências que os professores também encontram no caminho são grandes. A gente não tem uma formação e nem tem curso de Tupi antigo nas universidades, é sempre um esforço de cada professor não só de Catu, mas também como do Amarelão e de outras regiões. A finalidade que a gente tem para comunidade é tentar fazer essa recuperação da língua tupi nas comunidades indígenas. Recuperar essa língua ainda é uma questão muito precária devida a falta de formação, à falta de material e de incentivo das prefeituras em trazer professores e promover informações nesse sentido. Mas a gente vai tentando numa forma auto-didata já que não tem como a gente se profissionalizar nessa área. A minha finalidade é tentar recuperar essa língua e fortalecer a identidade cultural dos índios dos alunos e consequentemente da comunidade (CLAUDIANE, 2018).

Diante disso, é perceptível as dificuldades enfrentadas para a recuperação da língua, pois não há material atualizado ou aprimorado sobre a língua tupi, como também a falta de incentivo da gestão pública em ofertar capacitação, ou criação de projetos que envolvam a insersão da língua tupi nas escolas. A comunidade possui a carência de residentes que conheçam o tupi, sendo a única residente que possui conhecimento sobre a língua é Claudiane, que atua como professora de tupi nas duas escolas locais.

4.2.3 Ritual Toré

O toré é uma dança sagrada, na qual os participantes do ritual cantam e dançam de forma circular para os encantados (seres protetores da mata) e para Tupã. A prática do ritual do toré foi retomada pelos residentes no ano de 2002, com o objetivo de reafirmar a identidade cultural local. Esse momento é tido pelos residentes como uma forma de agradecimento e de festejo a

Tupã (Deus), em que os moradores se reúnem em espaços nas casas de parentes para fazer o ritual.

Acontece também a cada uma vez ao mês o toré fechado, em que o pajé da comunidade e de outras comunidades em conjunto com alguns mestres juremeiros convidados se encontram para participarem deste toré para pedir proteção e prosperidade aos encantados das matas, geralmente acontecem na noite de lua cheia ou crescentes. A prática do toré também é repassada nas escolas indígenas da comunidade, como forma de fortalecimento cultural, e que seja repassado para outras gerações.

> O toré é a resistência do povo indígena que representa a fé em Deus, a ligação com a natureza e a união da comunidade com a finalidade de festejar e agradecer e não deixar a cultura morrer. O toré de lua tem a participação da comunidade o número de pessoas que participam é indefinido, o ritual ocorre na casa de parentes (casa de famílias que cedem um espaço para a realização do ritual) que se reúnem como forma de agradecimento a Tupã. O fogo representa a luz a energia então ele é essencial no toré. Então além de representar a luz e energia representa o equilíbrio porque ele fica no meio da roda ele equilibra a formação do círculo ele que equilibra todos aqueles que participam da do ritual sagrado e ele compartilha ali o fluxo de energia então pra gente o fogo é sagrado a fogueira sagrada porque há uma energia, sendo ali compartilhada energia Vital da luz representado ali fisicamente naquele momento por Guaraci que é o sol (LUIZ KATU, 2018).

O toré de lua acontece uma vez ao mês aberto para toda a comunidade, com a finalidade de festejar em agradecimento a colheita. No ritual os participantes dançam e cantam em volta da fogueira e dialogam sobre o movimento indígena. Vale ressaltar, que o ritual aberto não é feito a ingestão da jurema (bebida sagrada que gera o transe, em que possibilita o encontro entre o seu interior e os ancestrais), pois para ingerir a jurema é realizado outro ritual, com a participação de poucas pessoas para se conectar espiritualmente e que seja possível ter a experiência de contato com o seu ser interior.

Além dos sentidos culturais pelo ritual do toré, foi possível notar que a fogueira/fogo fazem alusão a Guaraci, que em tupi significa sol. No relato do senhor luiz foi possível perceber que o fogo faz referência a luz, a energia e o equilíbrio, em que a fogueira fica centralizada no meio do círculo no momento do ritual.

Nas figuras abaixo mostram o ritual do toré, esses registros fotográficos são de um toré aberto, ou seja, são do ritual que visitantes e residentes podem participar.

Figura 7 – Toré.

Fonte: Dados do estudo, 2018

A figura a seguir apresenta o momento do ritual de toré com um grupo de visitantes, em que o ritual do toré faz parte do roteiro turístico realizado na comunidade.

Figura 8 - Ritual de toré.

Fonte: Dados do estudo, 2019.

4.2.4 Plantas medicinais

As plantas medicinais tem grande importância cultural para os residentes, pois se tratam de conhecimentos ancentrais, em que esses saberes são passados de geração em geração. Vale ressaltar que o conhecimento dessas ervas são predominantemente mantido pelas mulheres da comunidade o que possibilitou o conhecimento dessas ervas até os dias atuais. Outro fator importante que impulsionou os residentes a cultivarem essas plantas era a dificuldade de se deslocar até as cidades vizinhas por falta de transporte. Isso fez com que os autóctones desenvolvessem uma nova forma de curar suas enfermidades através de ervas medicinais.

> Aprendi com minha mãe, pois naquela época era muito difícil o acesso à Goianinha ou Canguaretama, principalmente por não ter estrada, as pessoas passavam por varedas, caminhos muito pequenos, não tinha transporte e a gente ia a pé, demorava muito para chegar lá, aí as mulheres daquele tempo aprendiam a fazer remédios simples, como chás, lambedores e compressas para dores. Até hoje esses saberes vem se passando de geração em geração e para facilitar a produção de remédios caseiros a gente planta nas nossas casas e as que a gente não tem procuramos nas matas do Catu. (MARIA, 2018).

Foi possível analisar que os moradores cultivam as plantas em suas próprias residências, como estratégia para minimizar as dores ou enfermidades de algum parente. Dentre essas plantas destacam-se o alecrim, arruda, colônia, hortelã miúdo (menta), anador, boldo, quebra pedra (planta utilizada no tratamento de cálculos renais), flor de maracujá, camomila, macassá, capim santo, rumã, mastruz e cana do brejo. Que são plantas mais comuns encontradas nas casas dos residentes da comunidade.

Na figura abaixo, são destacadas duas plantas medicinais mais encontradas nas residências dos moradores, o alecrim que os residentes utilizam o chá para controlar a pressão arterial e alívio de dores de cabeça. A arruda é usadapelos residentes para curar dores de ouvido e alívio da febre.

Figura 9 - Plantas medicinais, Alecrim e Arruda.

Fonte: Dados do estudo, 2018

4.2.5 Lendas

As lendas são histórias passadas de geração em geração pelos residentes da comunidade, em que os próprios relatam ter visto algumas assombrações, ou conhecem alguém que presenciou coisas sobrenaturais acontecerem. Durante as entrevistas os residentes relataram que as lendas eram contadas pelos anciões para os mais jovens, algumas histórias eram a da Cumadre Fulozinha, Batatão o e Lobisomem, Pé de Panelinha que era considerado pelos residentes mal assombrado.

No percurso para chegar ao Catu existia uma árvore conhecida pelos moradores como Pé de Panelinha. Alguns entrevistados relataram que toda vez que passavam pelo local viam ou sentiam coisas estranhas, chamas de fogo, viam um ser que passava de um lado para o outro da estrada, e arrepios. Todos tinham medo de passar perto do pé de panelinha, pois todos que passavam por ele viam coisas sobrenaturais.

Os entrevistados contaram que os anciões da comunidade falavam que o lobisomem é um homem que se transforma em uma fera que anda de quatro patas, com cotovelos e joelhos no chão. Os anciões também revelaram uma das formas para se transformar é ser mordido pela fera ou fazer a simpatia.

> Eu ouvia pessoas relatarem casos de um morador chamado Ezequiel que se transformava em Lobisomem, ele era um senhor baixo de andar corcunda. Uma senhora que criava cabras, falou que numa noite viu um bicho e deu uma enxadada

> nessa criatura e no outro dia esse senhor estava ferido no mesmo local, no qual, a senhora havia machucado o bicho (RUBENS, 2018).

Para a transformação do Lobisomem, alguns anciões relatam que precisa de alguns procedimentos para que venha ser concretizado. Vando, residente e uma das lideranças indígenas da comunidade relata sobre o processo de transformação.

> Para que a pessoa venha se transformar ele tem que ir para uma encruzilhada ou uma cama de um animal e amarrar suas roupas em sete nós e falar a frase: Senta-te bicho, espicha-te o rabo, levanta-se bicho com todos os diabos, repedinto três vezes essa frase, quando terminar faz umas combinações de palavras, só não vou falar para não me transformar (VANDO, 2018).

Como visto no relato do senhor Vando qualquer pessoa pode se transformar em lobisomem, pois segundo ele, para se transformar deve-se seguir essas palavras que ele citou. Além disso, os anciões revelaram que para reconhecer uma pessoa que se transforma é preciso observar os cotovelos e joelhos, pois tem essas partes do corpo cortadas devido andarem de quatro patas quando se transformam.

A Cumade Fulozinha é um ser encantado que protege a natureza e os animais. Ela pode se fazer presente por meio de assovios, que se ouvir o assovio de longe significa que ela está perto e se ouvir o assovio perto ela está longe. Alguns residentes contam que a Fuluzinha faz tranças nas crinas dos cavalos e se cortar para desatar o animal morre. Já houve casos que aconteceram com pessoas.

> Aconteceu com a minha filha mais nova, nós fomos lá pra a água fria. Quando chegamos lá a minha filha me falou que tava vendo uma criança atrás das árvores. Mas eu não acreditei. No outro dia ela acordou com uma trança no cabelo, parecia uma flor, tentei desatar, mas não consegui. A única forma foi cortar (ALEXANDRIA, 2018).

Alguns caçadores relatam que para caçar na mata tem que pedir permissão para a Cumade. Porém é necessário ter cuidado para não pegar os animais dela, caso contrário, pode acontecer algumas consequências como ficar perdido na mata, como também levar uma surra de sipó de fogo nos cachorros e nos caçadores. Alguns caçadores contam que na mata tem animais que são marcados pela Fulozinha e não podem ser pegos.

Na figura abaixo mostra o senhor Vando relatando sobre a Cumade Fulozinha, ele fala que para entrar na mata é preciso pedir permissão para a Fulozinha e não pode fazer brincadeira com ele, a chamando de Curupira, por que ela não gosta.

Figura 10 - Residente Vando, relatando sobre a Fulozinha.

Fonte: Dados do estudo, 2021.

A figura a seguir refere-se ao momento de oferenda para a Fulozinha, em que os residentes relatam que ela gosta de receber fumo e mel. Alguns caçadores utilizam dessa estratégia para ter uma caça proveitosa.

Figura 11 - Oferenda para Cumade Fulozinha

. Fonte: Dados do estudo, 2021.

4.2.6 Artesanato

Os artesãos da comunidade tem como base a cultura local para fazer as peças, no qual, algumas peças são utilizadas nas atividades cotidianas, como enfeites e adornos. O

conhecimento do artesanato é passado de geração para geração, em que os mais velhos ensinam a seus parentes, essa é a forma utilizada pelos residentes para manter a tradição viva na comunidade.

> Comecei a fazer artesanato desde os meus oito anos de idade, aprendi com meu tio Nascimento, mais conhecido aqui como Bifa. Ele me ensinou o trançado que é a técnica que a gente usa pra fazer as peças que são de palha e cipó. Tem algumas peças que a gente aprende com parentes de outras comunidades (GRACILIANO, 2018).

Algumas peças produzidas na comunidade são covos (peça de cipó, utilizada para a pesca), balaio (peça de cipó, utilizada para colocar hortaliças durante a colheita), concha de quenga de coco (utilizada como utensílio de cozinha), colar de sementes (adorno), cocar de penas (adorno), maracá (peça de cabaça e sementes, utilizado no toré), brincos, filtro dos sonhos, arco e flecha e esteira (peça de palha, usada como colchonete). A figura 12 refere-se ao filtro dos sonhos, uma peça de artesanato feita pelos residentes. O filtro dos sonhos é utilizado como um amuleto, que quando colocado próximo a cama pode filtrar os pesadelos e coisas ruins.

Figura 12 - Filtro dos sonhos.

Fonte: Dados do estudo, 2021.

O samburá é uma peça de artesanato feita de cipó produzida pelos residentes para fazer o deslocamento de alimentos, é utilizado principalmente na pesca, para o transporte dos peixes. O samburá e/ou balaio era utilizado pelos residentes para defumar os alimentos, em especial as proteínas, quando ainda não se tinha energia elétrica na comunidade. Essa tática era usada para que os alimentos não estragassem, já que naquele tempo os residentes não tinham outra forma de manter os alimentos guardados, como é feito atualmente através de geladeira.

Figura 13- Samburá de cipó.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

As peças do artesanato são comercializadas em feiras de artesanato indígena em cidades vizinhas e na comunidade quando há visitações de instituições ou grupos de turistas. Os materiais utilizados na confecção das peças são encontrados na própria comunidade como, cipó, taboca, palha de dendê, sementes (olho de boi, jatobá, ponta de caboclo e olho de pombo), dente de jacaré, penas (pássaros, galinha e guiné) e cabaço. Mas parte dos objetos são comprados em outras comunidades, como as escamas de peixes, pedras e sementes.

Além das peças de sementes e cipós, também eram feitas algumas esculturas de madeira e tabatinga (argila branca), essa argila era encontrada próximo ao rio da comunidade, feitas pelos senhor Moisés. Que usava a argila para fazer panelas de barro e esculturas de pássaros.

A figura a seguir diz respeito aos maracás feito pelos residentes da comunidade. Para a produção das peças de maracá os residentes utilizam cabaças e sementes. Os maracás são utilizados no ritual do toré.

Figura 14 - Marácas de cabaças.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

4.2.7 Gastronomia

A gastronomia local tem como base principal alguns alimentos que são plantados na comunidade, como a batata doce, macaxeira e mandioca. Na comunidade ainda é realizada a produção de farinha de mandioca, produzida nas duas casas de farinhas existentes na comunidade, sendo elas a da família do senhor Tarcísio e do senhor Rogacioano. Durante as entrevistas alguns residentes relataram que haviam outras casas de farinha, mas com o passar do tempo a produção de farinha deixou de ser realizada com a frequência que era feita antes, devido a diminuição do plantio da mandioca na comunidade.

A produção desses alimentos são feitos de forma artesanal, em que, os ingredientes são da própria comunidade e são produzidos pelos residentes, a partir do conhecimento empírico sobre o preparo, ou seja, os residentes que produzem esses alimentos não seguem uma receita específica, mas seguem o conhecimento passado de geração em geração. Desta forma, cada família tem uma culinária distinta, mas com grande ligação da cultura indígena.

> Faço beiju há mais de vinte anos, aprendi a culinária típica com minha mãe, que fazia para a alimentação da família. Então, continuei na tradição de beiju. A produção de

> beiju leva aproximadamente cinco dias, pois ao arrancar a mandioca é preciso coloca-la de molho, após quatro dias retira-se a mandioca da água e começa no processo de raspagem. (LENIRA, Catu 2018).

Os principais pratos identificados na culinária local foram o beiju, tapioca, cuscuz de mandioca mole, bolo de batata doce, calambica e bolo de macaxeira. Foi possível observar que esses pratos da culinária típica são realizados por mulheres. “Aprendi a fazer tapioca quando eu tinha oito anos, via minha mãe e minha avó fazer. Hoje a venda das tapiocas é a minha principal fonte de renda” (REGIANE, 2018). As figuras abaixo são alguns tipos de alimentos produzidos na comunidade em que a figura 13 mostra o preparo da tapioca, goma e coco. Na figura 14 apresenta o beijú produzido na comunidade.

Figura 17 - Massa de tapioca.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

Figura 20 - Beiju na palha de bananeira.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

4.2.8 Trilha

A trilha ecológica do Catu possui vários sentidos para os residentes, pois era utilizada como trajeto para chegar a outras cidades vizinhas como Várzea e Espírito Santo. Além disso, suas rotas possuíam pontos para a colheita da mangaba e bati, nos chamados tabuleiros (pontos que ficam centralizadas as mangabeiras). Sendo a mangaba uma fonte de subsistência para os residentes, que colhem a mangaba e fazem a comercialização do fruto em feiras locais de Goianinha, Canguaretama, Pedro Velho e Piquiri. O óleo do bati era utilizado na culinária local. O trajeto da trilha também é utilizado pelos moradores para a caça de animais.

A figura a seguir mostra um pequeno percurso da trilha do Catu, essa parte do trajeto é o ponto inicial da trilha, em que é possível observar que o percurso possui poucas árvores e o caminho não está fechado.

Figura 23 - Trilha Ecologica do Catu

Fonte: Dados do estudo, 2021.

A trilha possui três rotas que se diferem pela sua quilometragem, sendo elas a de 18 km, a de 10 km e a de 5 km. A rota de 18 km inicia próximo a cerca que divide a propriedade de um residente e o espaço da trilha até a nascente do rio Catu, já a rota de 10 km vai até a barragem do jacaré e o percurso de 5 km, possui o trajeto até o ponto da água fria. Todas as rotas iniciam no mesmo local, o que às diferenciam é o ponto da trilha que o indivíduo deseja conhecer. Vale ressaltar que, o percurso total da trilha se dá, pela ida e volta do percurso, ou seja, a trilha de 5 km são 2,5 km pra chegar a água fria e 2,5 km para voltar.

> A trilha tem 10 km (dez quilômetros) é dividida em duas margens, 5 km (cinco quilômetros) em Goianinha e outros 5 km (quilômetros) ao lado de Canguaretama. A caminhada leva aproximadamente 4 horas dependendo do público e do trajeto. Ela é feita por etapas. (ALEXANDRIA, Catu 2018).

A trilha é destacada pelos guias locais, por alguns pontos principais, sendo eles, Mirante do Gavião, Barragem do Jacaré, Trilha da Mãe d`agua, Trilha Tupinambá, Água fria e a Trilha da Fulozinha, esses locais são de destaque, por possuírem significados históricos que contribuem para a cultura da comunidade.

> O mirante do gavião tem esse nome por causa de um gavião que sempre ficava no topo de uma árvore esperando suas presas. Trilha da mãe d`agua local de uma pequena lagoa. Barragem do jacaré é conhecida dessa forma pois, muitas pessoas viam jacaré Assú e o mirim nesse local. Canto da fulozinha tem esse nome pois os caçadores deixavam oferendas nesse local. O potencial turístico da trilha é voltada para um

> conhecimento ecológico de proporcionar ao visitante um conhecimento de rotas que coletores de mangaba e o contato direto com a natureza (LUIZ KATU, 2018).

Diante disso, é possível perceber que a trilha possui sentidos históricos e culturais para os residentes da comunidade. Além de possuir um grande potencial turístico por sua beleza natural e pela cultura indígena.

A figura abaixo é a Barragem do Jacaré localizada na trilha da comunidade, este ponto da trilha é encontrado na rota de 10 km. A Barragem possui esse nome pois, alguns residentes da comunidade viam jacarés às margens desse local. Essas barragens foram construídas pelos proprietários de antigas fazendas próximas à mata e pelas usinas de cana-de-açucar para a irrigação dessas plantações.

Figura 24 - Barragem do Jacaré.

Fonte: Dados do estudo, 2018

4.2.9 Eventos

As principais manifestações culturais que são realizados na comunidade é a celebração do dia do índio, a festa do padroeiro São João Batista e a Festa da Batata. No dia 19 de abril é comemorado o dia do índio, em que é celebrado na escola João Lino e na escola Alfredo Lima,

com uma programação voltada para a cultura local, onde os alunos fazem a pintura corporal, dançam o toré e brincam de jogo de castanha e peteca. Além disso, acontece a visitação de outras escolas da região para conhecer a comunidade.

A primeira festa em comemoração ao Padroeiro da Comunidade São joão Batista, ocorreu no ano de 2003, por Maria da Piedade, mais conhecida como Naíde. O incentivo para a realização do festejo veio a partir da motivação de seu avô Francisco e pelo seu pai João, que realizavam comemorações ao dia de Todos os Santos. Com esse estímulo e pela vontade de melhoria da infraestrutura da igreja católica, surgiu a primeira festa do padroeiro. Mas no ano de 2013, Maria da Piedade ficou responsável apenas pela programação religiosa e Wellington assumiu a programação notorna.

A figura abaixo mostra a celebração da missa do padroeiro da comunidade São joão Batista, realizada na capela da comunidade.

Figura 25 - Missa do Dia de todos os Santos.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

A festa do padroeiro da comunidade é celebrada no dia 24 de junho, dia em que se comemora o dia de São João Batista. Na programação religiosa, são realizadas as missas e a procissão. A programação noturna é destinada para a festa popular com a participação de

atrações musicais e o leilão, que tem como objetivo arrecadar recursos para a manutenção da igreja.

A origem da Festa da Batata se deu a partir de uma celebração religiosa organizada por Chico Nenê em alusão ao dia de Todos os Santos. Após o seu falecimento o cacique Luiz Katu deu continuidade ao festejo. No entanto, deu um novo sentido ao evento, em que celebra a colheita da batata doce e o fortalecimento da cultura indígena.

> A Festa da Batata é a continuidade da Festa de Todos os Santos que seu Chico Nenê fazia. Eu lembro que eu era criança e já participava e ficava muito feliz quando chegava esse dia, que eu via a comunidade toda reunida em frente a capelinha de São João Batista. Depois que seu Chico Nenê faleceu, nós nos reunimos para dar continuidade a esse festejo que ele fazia a muito tempo. Então nós tivemos a intenção de envolver a resistência indígena na temática do festejo. A Festa da Batata é a celebração da colheita da batata doce, sendo que o mês de novembro é o período de maior produção e que ela está presente em toda a agricultura familiar. Como também manter o foco religioso da Festa de Todos os Santos (LUIZ KATU, 2018).

O Evento é realizado anualmente no dia 01 de novembro, com a programação cultural no período da manhã e tarde, com as atividades de palestras, mesas redondas, missa em celebração ao dia de Todos os Santos, maratona (corrida percorrida pela comunidade), pintura corporal e a roda de toré aberto para o público. A programação noturno, com o concurso gastronômico, leilão, concurso da maior batata e apresentação das atrações musicais.

A figura a seguir mostra o momento da mesa redonda com alguns residentes da comunidade e o senho Flávio Rodrigo, diretor acadêmico do IFRN Campus Canguaretama em uma das programações realizadas na Festa da Batata.

Figura 26 - Mesa redonda na Festa da Batata.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

Durante as entrevistas foi observado que na comunidade existiam outros eventos, que eram realizados na comunidade pelo senhor Chico Nenê, que após seu falecimento deixaram de ser realizados. Alguns deles eram, o coco de roda, joão redondo, boi de rezo. Estas manifestações culturais eram realizados no dia de Todos os Santos.

> Eu lembro que nos anos cinquenta Francisco Canindé conhecido aqui no Catu como Chico Nenê, fez a primeira comemoração ao dia de Todos os Santos no dia primeiro de novembro, tinha os terços na casa do povo e as vezes fazia na casa de Chico Nenê. Depois do terço, tinha os bailes da época, com forró de sanfona que ia até de manhã. Depois que Chico Nenê morreu o filho dele, que era meu marido João Nenê continuou fazendo a celebração (CONSUELO, 2018).

A senhora Naíde relata com detalhes como esses eventos eram realizados pelo seu avô Chico Nenê.

> No dia de Todos os Santos o povo se juntava em frente a capela e logo cedo começava. Tinha as arrematação que só tinha coisa da comunidade pra arrematar, tinha cacho de banana, galinha, macaxeira, batata, jaca e tudo sai, o dinheiro das arrematação era usado pra comprar as coisas pra a capela. O coco de roda, quem participava era as mulheres que vestiam vestidos ou saias floridas e amarravam um pano na cabeça. Até hoje mamãe amarra o pano na cabeça com o nó pra frente, em cima da testa. As mulheres cantavam e dançavam em circulo, depois tinha o joão redondo, que era um bonequinho por trás da cortina e as criança ficava assistindo e por último tinha o boi de rezo, que encerrava as atrações. No boi de rezo, só quem participava era os homens, todos com chapéu de coro, as roupas cheia de espelho. Era uns espelhinho redondo que a gente se via naqueles espelhinho e as sandálias deles eram aquelas apragata de coro fechada, que eles dançavam batendo os pés, todos com o mesmo trage. Pra o boi de rezo tinha que ser doze homens. Tinha que ter um candinhero numa panela pra tudinho pintar a cara, tinha menino que saia na carrera quando via aqueles homens com a cara preta. Eles colocava o chapéu no chão pro povo colocar dinheiro. Eu lembro que tinha uma mesa cheia de comida, tinha pão de jacaré, as comidas todas tinham formato de animal, tinha batata com coco, arroz com rapadura. .Depois tinha o forró de sofona na casa de alguém e assim ia até de manhã (NAÍDE, 2018).

Como visto no relato da senhora Naíde, no dia primeiro de novembro era realizado um grande festejo em alusão ao dia de todos os Santos, que tinha a participação da comunidade, com uma programação repleta de atrações culturais. Um fato interessante, foi a forma de como ele oferecia as comidas para os participantes do evento, as comidas possuíam formato de animais e todos os alimentos eram da comunidade. Isso demonstra o interesse que ele tinha em valorizar a cultura local, através da realização do evento.

4.2.10 Pintura Corporal

A pintura corporal tem grande relevância para a cultura indígena na comunidade, no qual essas pinturas representam aspectos relacionados a natureza de modo geral, como os animais e a união do povo potiguara. A tinta utilizada na pintura é feita de frutos como o urucum e o jenipapo que podem ser encontrados na própria comunidade.

A figura abaixo mostra o momento da pintura corporal realizada nos visitantes.

Figura 27 - Pintura corporal.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

No relato do senhor Luiz é possível observar que a pintura corporal possui significados ligados a fauna e a flora.

> A pintura realizada na comunidade tem diversos significados que representam animais, natureza e a troca de energia. A tinta para a pintura é obtida pelo urucum possui coloração vermelha que representa a força vital do indígena e o jenipapo tem cor preta que simboliza a terra. Algumas das pinturas feitas pelos integrantes do grupo indígena Graciliano e Mucunã são: A colmeia que simboliza a união. Labirinto significa a força dos ventos. Emboi retrata o movimento da cobra, geralmente as pinturas corporais são feitas com palito de coqueiro, os próprios dedos e pincéis. (LUIZ KATU, 2018)

O urucum conhecido popularmente como coloral é utilizado pelos residentes na culinária local e como repelente natural, no qual possui coloração vermelha. Os residentes usam o jenipapo para alívio de dores e machucados, sendo utilizado na aplicação direta na dor. Na comunidade também é feito o licor de jenipapo para consumo próprio dos residentes. O jenipapo possui coloração preta e pode ficar na pele por um período de dez a quinze dias.

As figuras a seguir referem-se aos tipos de tintas que são utilizadas na pintura corporal. Sendo utilizadas o urucum e o jenipapo, para a obtenção da tinta do urucum é necessário apenas colocar as sementes em um recipiente com um pouco de água, já para a obtenção da tinta do

jenipapo o processo é demorado, pois é necessário colocar o jenipapo em um recipiente com água ou álcool e guarda-lo por dez ou quinze dias.

Figura 30 - Jenipapo e urucum para a aplicação.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

Afigura 23 mostra o momento da pintura corporal, em que está sendo utilizado o urucum.

Figura 33 - Pintura com urucum.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

4.3 Diagnóstico dos atrativos

O diagnóstico deste estudo foi constituído através das observações realizadas durante as entrevistas. No qual, os próprios residentes relataram a falta de infraestrutura da comunidade, como também analisado pela pesquisadora no período da coleta dos dados. Sendo o diagnóstico feito através da visão dos residentes sobre as atividades e da pesquisadora que também reside na comunidade. Neste sentido, este diagnóstico foi elaborado para que seja possível destacar o que é necessário para a melhoria destes atrativos e para identificar as ações que podem ser realizadas para a materialização dessas atividades como atrativos.

4.3.1 Agricultura familiar

No atrativo da agricultura familiar é necessário ampliar o espaço para receber os visitantes, por exemplo, deixar um espaço maior entre um lerão e outro (lerão é o formato que os agricultores preparam para fazer as plantações de batata, macaxeira e inhame, que possui formato triangular). Assim, facilitará a circulação dos visitantes no espaço das plantações.

Outro fator importante que é fundamental a se trabalhar é a preparação dos agricultores para receber os visitantes, para que os visitantes não sintam dificuldade em passar o seu conhecimento e nem sintam receio em receber outras pessoas. Visto que durante a realização das entrevistas foi perceptível identificar na fala dos agricultores o interesse deles em participar da atividade turística, porém eles sentem receio de receber pessoas que não conhecem e tem vergonha de conversar. Por isso, faz-se necessário incentivá-los e prepara-los para receber os visitantes.

4.3.2 Oficina de tupi

A oficina de tupi é realizada nas escolas locais da comunidade. No entanto, não existe um local fíxo para receber os visitantes, já que a oficina de tupi é ofertada apenas para os alunos das escolas da comunidade, exceto em alguns casos quando ocorre a visitação nas escolas.

Para melhor atender a demanda é necessário que seja feito em um espaço fíxo com uma infraestrutura adequada para que os vivitantes possam ser recepcionados. Uma alternativa que pode ser aplicada é a formação de um espaço cultural, em que as demais oficinas podessem ser realizadas nesse espaço, como também expor objetos, registro fotográficos que fazem referência a cultura indígena local. Desta forma, poderia proporcionar uma experiência de

imersão cultural, através do conhecimento sobre a lingua tupi, como também as demais atividades que podem ser desenvolvidas nesse espaço. Vale salientar, que na comunidade tem apenas uma pessoa capacitada que pode ofertar a oficina de tupi, que é a senhora Claudiane que atua como professora de tupi nas duas escolas da comunidade.

4.3.3 Ritual toré

O ritual de toré já é inserido nos roteiros que são realizados na comunidade, em que os vivitantes cantam e dançam em círculo, em volta de uma fogueira. No entanto, não se é explicado para os visitantes o porquê de se fazer o ritual e o seu significado para a comunidade, a diferença do ritual que pode ser aberto para o público e o ritual em que há a restrição de pessoas que podem participar, quando se faz a ingestão da jurema. Então, seria interessante fazer uma breve explicação sobre o ritual, para que assim, o visitante entenda o sentido cultural que o toré possui.

4.3.4 Plantas medicinais

Os residentes que foram entrevistados sobre as plantas medicinais possuem apenas o conhecimento empírico sobre as ervas, todos os conhecimentos adquiridos foram através de familiares que cultivavam as plantas e com isso, foi passado de geração em geração. No entanto, o conhecimento técnico pode ser passada para os residentes, pois iria auxiliar na explicação das ervas e também poderia evitar alguma reação alérgica do visitante durante o contato com a planta.

4.3.5 Lendas

Observou-se que as lendas são contadas por pessoas mais velhas da comunidade e que alguns jovens não tem conhecimento sobre esses fatos históricos que fazem parte da cultura local. Com isso, faz-se necessário fazer o resgate cultural, que pode ser feito através do incentivo nas novas gerações em conhecer as lendas da comunidade e mostrar aos residentes a importância em manter as tradições que fazem parte da cultura local, para preservar a memória histórica de um povo, para que possam ser passados para as gerações futuras.

4.3.6 Artesanato

No atrativo do artesanato, percebe-se a carência de um espaço físico para que os possível artesões possam apresentar e expor suas peças. Também foi observado que algumas das matérias primas que são utilizadas pelos artesões são adquiridas de outras comunidades, como escamas, sementes e penas. No entanto, na comunidade é possível encontrar uma grande diversidade de materiais naturais que podem ser trabalhadas, para tornar o produto mais autêntico. Como por exemplo, colar de sementes de maçaranduba, amescla, copos de coco, copos de bambú, chaveiro de sementes de panelinha, todos esses materiais citados são encontrados na comunidade e podem ser trabalhados no artesanato.

Além disso, foi observado que o número de artesões é pequeno, pois poucos residentes tem interesse em aprender a fazer artesanato, pelo fato de que poucas pessoas da comunidade possuem conhecimento para produção das peças. Diante disso, seria fundamental incentivar as novas gerações a aprenderem a cultura do artesanato. Essa ação poderia ser realizada através de oficinas para os residentes da comunidade. Dessa forma, as pessoas que tivessem interesse em desenvolver o artesanato poderiam aprender e passar para outras pessoas.

Durante as entrevistas observou-se que alguns artesões faziam peças de argila e barro. No entanto, essas peças estão deixando de serem trabalhadas na comunidade. Dinate disso, faz-se necessário fazer o resgate dessa cultura para que as novas gerações possam conhecer as atividades culturais que fazem parte da cultura local, como também dar continuidade ao artesanato, por meio de oficinas de artesanato para os residentes.

4.3.7 Gastronomia

Quanto a culinária local, observou-se que as famílias que mantém a produção dos alimentos tradicionais, possuem receio de receber visitantes em suas residências e a comunidade não tem um espaço que possua a estrutura adequada para o desenvolvimento dessa atividade. Desta forma, para a implementação dessa atividade como atrativo turístico, seria interessante mostrá-los a importância da participação dos residentes da comunidade, como também prepra-los para receber os visitantes. Assim, poderá gerar o desenvolvimento local e para o fortalecimento cultural, através da geração de novas fontes de renda e da valorização cultural.

4.3.8 Trilha

Dentre as atividades analisadas que possuem potencial turístico, percebeu-se que o atrativo da trilha do Catu, possui uma má sinalização. Algumas placas encontram-se quebradas e em alguns pontos do percurso como a barragem do jacaré e o espaço da água fria não possui sinalização. Algumas partes do trajeto o espaço é pequeno e dificulta a passagem das pessoas, o percurso possui plantas cortantes como a titirica e cipó de fogo que podem causar pequenos cortes. Além disso, o trajeto não possui nenhum ponto de apoio para os visitantes, como um espaço onde seja comercializado alguns produtos básicos como água mineral, ou até mesmo, uma base em caso de lesões, picadas de animais ou algum outro incidente, que seja possível fazer os primeiros socorros.

Quanto aos condutores da trilha observou-se que eles não possuem um discurso padrão, ou seja, cada um fala sobre o conhecimento. Com isso, é preciso preparar os condutores para receber os visitantes, através de um treinamento sobre a condução local, para que assim, eles tenham mais propriedade de fala e que o discurso de todos possuam a mesma linha, mas cada um com sua característica. Desta forma, será possível manter um padão de qualidade na prestação de serviço.

4.3.9 Eventos

Observou-se que acontecem diversos eventos na comunidade, que possuem representantes que são responsáveis para a realização desses eventos. A Festa da batata é organizada pelo cacique da comunidade o senhor Luiz, já a festa de São João Batista é organizada pela senhora Naíde que é responsável pela programação religiosa e o senhor Wellington que organiza a programação noturna.

Diante disso, é perceptível observar que há pouco interesse dos residentes em participar da organização desses eventos. Também foi observado que os eventos realizados na comunidade, possuem pouca infraestrutura e não existe uma equipe que auxilie no planejamento, organização e execução, sendo que a comunidade possui residentes que tem curso técnico em eventos pelo IFRN e que podem auxiliar os responsáveis dos eventos em todo o processo de planejamento. Em diálogo com os residentes, percebeu-se que alguns festejos realizados na comunidade não são mais realizados, pois as pessoas que antes faziam esses pequenos eventos morreram e ninguém deu continuidade, esses eventos eram chamados de

“brincadeira” pelos residentes como Boi de Rezo, Jõao Redondo, coco roda, todos esses eventos eram realizados no dia de Todos os Santos

Para que os eventos sejam realizados anualmente e que os residentes tenham uma maior interação, seria interessante criar um calendário de eventos para a comunidade e organizar uma comissão para auxiliar os representantes na organização e execução dos eventos.

4.3.10 Pintura corporal

A oficina da pintura corporal são ensinadas nas escolas locais, em que os alunos aprender a fazer as pinturas e seus significados. A pintura também é realizada nos roteiros turísticos que acontecem na comunidade, através de um residente que possui o conhecimento da pintura.

No entanto, foi observado que os responsáveis pela pintura quando ocorrem as visitações turísticas não explicam os significados da pintura aos visitantes, o porque de utilizar o urucum e o jenipapo na pintura, as demais utilidades desses frutos que os residentes utilizam, como no caso do urucum que é usado na culinária e serve de repelente natural, o jenipapo é colocado em dores musculares para amenizar a dor. Esses relatos enriquecem a experiência do vivitante na comunidade. Outro fator analisado é que existem poucos residentes que sabem fazer a pintura corporal. Assim, faz-se necessário incentivar os residentes a aprenderem a pintura, para que essa cultura possa ser mantida na comunidade.

A tabela 4, refere-se a análise Swot da atividade turística na comunidade do Catu do Eleotérios que foi baseada através da análise das entrevistas realizadas com os residentes e na percepção da pesquisadora, em que serão abordados as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que o turismo pode trazer para a comunidade.

Quadro 5 - Análise SWOT

ANÁLISE SWOT	
FORÇAS	**FRAQUEZAS**
Forte potencial turístico; Desenvolvimento econômico Grandes riquezas culturais; Comunidade acolhedora; Atividades com diferencial turístico.	Pouco envolvimento dos moradores na atividade Turística; Falta de espaços para a realização das atividades; Falta de divulgação e informação sobre a atividade turística; Falta de diálogo com os residendes sobre a atividade turística;

	Falta de infraestrutura local.
OPORTUNIDADES	**AMEAÇAS**
Novas fontes de renda para os residentes; Maior fuxo turístico na comunidade; Divulgação da comunidade; Criação de roteiros turísticos para o segmento; Reconhecimento da cultura local a partir da atividade turística; Investimento do poder público e privado na comunidade;	Turismo de massa; Especulação imobiliária; Fluxo descontrolado de visitantes; Supervalorização da cultura exterior; Turismo de sol e praia.

Fonte: Dados do estudo, 2018.

Neste sentido, a analise SWOT possibilita uma visão interna e externa que a atividade turística pode proporcionar para a comunidade, sendo possível observar as fortalezas que a implantação do turismo pode acarretar ao local e as oportunidades possíveis de acontecer, como também visualizar as fraquezas da localidade presentes na prática da atividade turística, logo o que também pode ameaça-la.

Com isso, a Matriz SWOT pode identificar os fatores internos e externos que são favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento do turismo na comunidade. A partir desta análise pode-se concluir como se deve ser realizado o planejamento, com o intuito de fortalecer os pontos positivos, o que pode ser melhorado e alerta os riscos que podem ser gerados.

4.4 Experiências criativas propostas

A proposta de roteiros criativos para este estudo se faz a partir da integração das atividades cotidianas dos residentes nos roteiros turísticos realizados na comunidade. Em que objetiva a participação direta do residente na atividade turística e na integração dos visitantes com os residentes. A fim de proporcionar uma experiência singular de contato com a cultura e as tradições de um povo, através do desenvolvimento do turismo étnico-criativo.

Como proposta de roteiro criativo foi idealizada a integração das atividades analisadas neste estudo com o roteiro tradicional que é desenvolvido na comunidade, com o intuito de agregar valor ao roteiro, proporcionar a integração dos residentes na atividade turística e proporcionar a descentralização de renda. Em que as famílias que residem na comunidade possam ser beneficiadas de forma direta e indireta.

4.4.1 Agricultura familiar

A primeira proposta é da atividade da agricultura familiar, no qual o residente irá fazer um breve relato sobre sua experiência na agricultura, quais são as plantações que sua família cultiva, o tempo de colheita e onde são comercializadas. Após esses relato os visitantes serão convidados a verem e participarem da plantação, desde a preparação da terra até o plantio, sendo que o agricultor estará explicando o passo a passo de como é realizado plantio.

Outra proposta que pode se encaixar nesse atrativo é a venda direta dos alimentos produzidos pelo agricultor, em que os visitantes podem participar da colheia de seus próprios alimentos. Assim, proporcionará ao residente uma forma de gerar renda a partir da venda de seus produtos, sem precisar se deslocar para outro lugar e gerar uma experiência singular para os visitantes.

4.4.2 Artesanato

A segunda proposta, refere-se a atividade do artesanato. A proposta é que os artesões irão relatar sobre sua trajetória, como aprenderam apresentar as peças que eles produzem, os materiais utilizados na confecção das peças e depois eles irão ensinar os visitantes a fazerem uma peça de artesanato. Então cada participante fará sua própria peça de artesanato com o auxílio de um artesão local.

Para tornar a experiência ainda mais enriquecedora para o visitante, seria interessante que eles participassem da coleta de algumas matérias primas da própria comunidade como a coleta sementes, fazer a retirada do cipó diretamente na mata, colher os cabaços, apresentar o processo de secagem dos frutos para fazer as peças. Isso proporcionaria uma vivência ainda mais enriquecedora para os visitantes, pois eles iriam fazer parte de todo o processo da confecção das peças artesanais.

Como proposta de produtos criativos, poderia ser exposto e/ou comercializado amuletos de sementes como um colar de olho-de-boi, que na comunidade é conhecido por proteger do mal olhado, chaveiros, raspas de amescla para utilizar como insenso, alecrim da mata, que também pode ser usado como insenso.

4.4.3 Lendas, ritual toré e gastronomia

Para o atrativo das lendas e do ritual de toré e da culinária, será proposto um roteiro noturno, com a intenção de realizar um acampamento, em que os visitantes serão recepcionados na casa de um residente e nesse local os visitantes poderão participar do preparo do jantar. No qual, o residente explicará sobre o prato a ser feito e ensinará aos visitantes como acontece o processo para fazer o jantar, sendo que os visitantes poderão optar apenas por verem o residente fazer, como eles mesmos podem fazer o seu próprio jantar a partir das instruções do residente. Após esse momento os visitantes poderão fazer a sua refeição com os alimentos tradicionais da comunidade, como calambica, tapioca, beiju, bolo de macaxeira, bolo de batata, cuscuz de mandioca mole.

Depois os visitantes participarão da roda de toré, em que eles poderão aprender as cantigas cantadas no ritual e dançarem. Após esse momento, os visitantes terão um momento descontraído com um residente, que irá conversar com eles e contar as lendas da comunidade.

No dia seguinte, os visitantes iriam tomar café na casa de outro residente, com as mesmas características do jantar, em que eles participarão do preparo de seus alimentos, após a refeição seria realizada a pintura corporal nos participantes. E para finalizar o roteiro, os visitantes seriam direcionados para a trilha. No qual, um residente iria conduzi-los, explicando sobre os pontos principais da trilha, sua importância para a comunidade e sobre as espécies de árvores existente no local. Ao chegar no ponto da água fria, os visitantes poderão relaxar, com o banho de rio e na aplicação de argila branca.

Quanto aos produtos criativos que podem ser inseridos na culinária é a comercialização do mocororó (bebida fermentada de caju), cachaças fermentadas com ervas usadas na comunidade, doces feitos na comunidade, lambedores e garrafadas para serem ofertadas aos visitantes. Sobre as lendas podem ser distribuídos ou comercializados pequenas quantidades de fumo e mel para que os visitantes façam a oferenda para a Cumadre Fulozinha. Os produtos que podem ser inserido no ritual do toré podem ser raspaz da jurema e licor de jurema.

4.4.4 Festas/Eventos

A quarta proposta refere-se a visitação turística nos dias de eventos. No qual os visitantes podem conhecer a dinâmica desses eventos, por meio do relato dos idealizadores e/ou representantes e na participação direta na programação do evento. Pode-se também, fazer uma feira de exposição e venda de produtos produzidos e cultivados na comunidade.

Vale ressaltar que a proposta desses atrativos é integrar os residentes na atividade turística e fazer com que o visitante participe diretamente das atividades cotidianas dos

residentes. A fim de proporcionar uma experiência cultural autêntica, desenvolvida de forma conjunta entre residentes e visitantes, na geração de renda para os residentes e na valorização cultural local.

Entretanto, deve haver uma atenção em relação a capacidade de carga desses atrativos, visto que, é necessário se atentar a degradação do solo, como na trilha e nas plantações e na superlotação na comunidade que podem gerar impactos negativos. Como também Na segurança dos residentes e dos visitantes, no acesso à comunidade e na infraestrutura local.

4.5 Apoio dos residentes ao turismo

Foram desenvolvidas pesquisas na comunidade do Catu com objetivo de avaliar a percepção do residente, de impacto e apoio dos residentes sobre a atividade turística e observou-se que estes estudos são relevantes, pois podem ajudar no desenvolvimento turístico da comunidade (SILVA; CHAGAS, 2017; FELIX; CHAGAS, 2017; SILVA; SILVA; CHAGAS, 2017), esses estudos evidenciam que os impactos positivos se sobrepõem aos impactos negativos, o que se torna favorável para o desenvolvimento do turismo.

Em relação aos vinte e oito entrevistados, quatro disseram não ter interesse em participar, sete não responderam sobre a participação na atividade turística e quatorze se manifestaram à favor e revelaram grande interesse em participar. Estes resultados mostram que é possível estabelecer o turismo criativo na comunidade com participação e interação dos moradores. O senhor Luiz Katu afirma que:

> É muito bom o desenvolvimento do turismo na comunidade, pois gera renda direta e indireta pra os indígenas que estão ilhados pelo plantio da cana de açúcar e para conseguir renda para sobreviver na aldeia, cada vez tá mais difícil sobreviver e o turismo traz a expectativa de garantir o combate a insegurança alimentar, e tem a troca de conhecimento do indígena e não indígena, e nós tratamos do nosso ambiente e da preservação da mata atlântica, o que acaba fazendo mais parceiros pra preservar, pra lutar pelo nosso ecossistema (LUIZ KATU, 2018).

Como visto no relato do senhor Luiz, o desenvolvimento da atividade turística na comunidade pode gerar diversos impactos positivos para os residentes da comunidade, como a geração de renda e novas oportunidades de emprego. Diante disso, é necessário fazer o planejamento do turismo para que esses benefícios sejam alcançados. Como também integrar os residentes de forma direta e indireta, incentivando o empreendorismo e no fortalecimento da cultura local.

4.6 Implicações teóricas

Do ponto de vista teórico, este estudo buscou contribuir para o conhecimento científico sobre o tema. Visto que estudos acadêmicos com a perspectiva de análise do desenvolvimento do turismo criativo em comunidades indígenas são escassos. Desta forma, este estudo pode contribuir para trabalhos futuros.

4.7 Implicações práticas

Espera-se que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo, para a valorização cultural da comunidade indígena do Catu. Como também incentivar a participação e envolvimento dos residentes na atividade turística, para gerar uma melhor distribuição de renda entre os moradores, gerando a descentralização da arrecadação de recursos financeiros vindos da atividade turística.

Promover a criação de novos atrativos a partir das atividades com características culturais, para agregar valor aos roteiros desenvolvidos na comunidade, possibilitar a interação dos residentes de forma direta, sendo os residentes peças fundamentais para a realização dessas atividades representativas da cultura local e para a geração de experiências autênticas aos visitantes.

Como resultado deste estudo foi criado o Jardim da Cura, um espaço na casa de um residente que possui uma diversidade de plantas medicinais e ornamentais. A ideia surgiu a partir de dois estudantes de Gestão de Turismo do IFRN – Campus Canguaretama, Maria José dos Santos Pimentel e Geyson Fernandes da Silva, como estratégia para agregar valor aos roteiros desenvolvidos na comunidade e para integrar os residentes de forma direta na atividade turística. O nome Jardim da Cura surgiu em uma visita técnica da empresa Ecotur Nordeste, para a realização de um roteiro turístico na comunidade. No qual, a proprietária da empresa Juliane sugeriu alguns nomes para o atrativo, com isso, o espaço das plantas medicinais agora é conhecido como Jardim da Cura.

A figura abaixo refere-se as placas que foram colocados no espaço do jardim para que os visitantes podessem tirar foto.

Figura 36 - Jardim da Cura.

Fonte: Dados do estudo, 2020

As atividades realizadas neste atrativo são a apresentação das plantas que são cultivadas no jardim, tour pelo espaço, exposição das mudas com a descrição de cada uma, degustação de PANCs (plantas alimentícias não convencionais), oferta de água aromatiza e a comercialização das mudas. Esse roteiro é ofertado com a inclusão de outra atividades. Roteiro completo Anexo A. Na figura a seguir mostra o tour pelo espaço do jardim da cura, em que os visitantes podem conhecer a diversidade de plantas que o jardim possui e podem ter um contato direto com um residente

Figura 39- Tour pelo Jardim da Cura.

Fonte: Dados do estudo, 2020.

5 CONCLUSÕES

O presente estudo objetivou analisar o potencial de desenvolvimento do turísmo étnico-criativo na comunidade indígena do Catu dos Eleotérios. Dados os resultados, conclui-se que, os potencias observados no desenvolvimento do turismo criativo como produto turísticos são: a agricultura familiar, gastronomia local, a trilha, oficina de pintura corporal, as plantas medicinais, lendas, ritual de toré e o artesanato. No qual foi observado que para a implementação dessas atividades é fazer o planejamento da atividade turística de forma colaborativa e conjunta com os residentes. Com isso, todas essas atividades podem colaborar para o desenvolvimento do turismo criativo por possuírem grande importância na cultura local.

No entanto, foi observado que para a implantação desses atrativos na atividade turística é necessário desenvolver ações que possam preparar os residentes para receber o visitante, como o treinamento dos residentes na condução local. Dessa forma, os residentes estarão capacitados para receber os turistas. Para isso, é importante a parceria entre a comunidade e instituições de excelência tais como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e SEBRAE entre outras que possam colaborar na qualificação profissional do residentes.

Outro fator importante é a realização da manutenção dos atrativos, como no atrativo da trilha, que é necessário fazer melhoria na sinalização e abrir o trajeto que em alguns pontos. Pois o caminho está obstruído por plantas cortantes. No que se diz respeito aos eventos realizados na comunidade, foi analisado que alguns eventos que eram realizados por moradores da comunidade, deixaram de ser realizados com o passar do tempo. Diante disso, faz-se necessário o resgate cultural das tradições da comunidade que fizeram parte do cotidiano dos residentes e que atualmente não são mais realizadas.

Durante a pesquisa foi identificado que a maior parte dos moradores entrevistados apresentaram interesse em participar desse segmento turístico, principalmente por possibilitar uma visão mais ampla para a cultura indígena, promovendo a valorização e empoderamento étnico. Nesse sentido foi observado que é possível a implantação do turismo criativo na localidade. Esse segmento é de suma importância para o crescimento da economia local, proporcionando maior engajamento dos moradores na atividade turística. Mas sempre destacando um crescimento sustentável, a partir de ações que visem uma melhor combinação entre a sustentabilidade e o desenvolvimento turístico na comunidade.

Contudo, a análise SWOT pode possibilitar uma visão ampla para os fatores internos e externos que podem impactar no desenvolvimento da atividade na comunidade. Visto isso, foi observado que os fatores referentes as forças apontam as vantagens que a comunidade possui em relação ao seu potencial turístico. Já as fraquesas deste estudo apresentaram que há a carência de espaços para a realização das oficinas de tupi, pintura e na exposição do artesanato, como também a falta de participação dos residentes na atividade turística. Com isso, é necessário integrar os residentes no processo turístico na comunidade e na melhoria da infraestrutura local.

Quanto aos fatores externos foi observado que para minimizar os possíveis impactos gerados pelo turismo é necessário fazer o planejamento participativo com os residentes e integrá-los de forma direta no processo turístico.

Diante dos fatores analisados, espera-se que este estudo possa contribuir no potencial do turismo criativo na comunidade Catu, principalmente por se tratar de uma localidade com base étnica. É importante destacar a necessidade de novos estudos de mesmo caráter, a fim de uma maior abordagem sobre o tema referido.

REFERÊNCIAS

ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: análise reflexiva das relações com o Turismo. In: Dusan Schreiber. (Org.). **Inovação e Aprendizagem Organizacional**. Novo Hamburgo: Feevale, v. 1, p.

BENI, M. C. Política e planejamento estratégico no desenvolvimento sustentável do turismo. **Turismo em Análise**, v. 17, n. 1, p. 3-4, maio 2006.

BRANDÃO, C. N., BARBIERI, J. C., & REYES-JÚNIOR, E. (2013) **Análise dos impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais do turismo indígena:** estudo multicasos em comunidades indígenas de Roraima. In: Anais do XXXVII Encontro da Anpad, Rio de Janeiro, 1-16, 11 set.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Roteiros Brasil**. Secretaria Nacional de Politicas de Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília, 2007.

BRASIL. Poder Executivo. **Decreto Lei nº 6.040/07, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da república Federativa do Brasil, Brasília, DF: Poder Executivo, 2007. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2007/decreto-6040-7-fevereiro-2007-550693-publicacaooriginal-66733-pe.html. Acesso em: 01 out. 2020.

CARDOZO, P. **Possibilidades e limitações do turismo étnico:** a presença árabe em Foz de Iguaçu. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

CHAGAS, M. M. das. (2014). **Avaliação dos impactos sócio-econômicos do turismo gerados pelo setor hoteleiro:** uma análise dos hotéis da Via Costeira – Natal/RN. Revista Espaço Acadêmico, 13(153), 93-104.

CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Experiências criativas em roteiros turísticos integrados nas Serras do Agreste Potiguar**: Uma proposta de levantamento de atrativos e elaboração de roteiros com produtos criativos na região. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2020. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

CRÊSPO, P. M. C. **Cluster Criativo de Turismo, Sustentabilidade e Identidade do Destino Apresentada em Website:** um estudo em Olinda, PE. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014

CRESTANI, V.T.V. Estudo de viabilidade de implantação de um roteiro turístico abrangendo algumas igrejas e o Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha/MG. **Gestão em foco: revista online,** 5. ed. 2012.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos EMMENDOERFER, M.L. & ASHTON, M.S.G. (2014). **Territórios criativos e suas relações com o Turismo**. Turismo & Desenvolvimento, V.4 (21/22), pp. 459-468.

EUSÉBIO, C; CARNEIRO, M. J. Impactos socioculturais do turismo em destinos urbanos. **Revista Portuguesa de estudo Regionais**, n. 30, 2012.

FELIX, João Paulo Serafim; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Análise das percepções e apoio da comunidade local ao desenvolvimento do evento Feira de Culinária Típica de Vila Flor/RN**. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2019. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

Itabaiana (PB). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, p. 147-163, 2011.
LEAL, E. S. (2007) **O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico.** Caderno Virtual de Turismo, 7 (3): 17-25.

MAIA, S., MARTINS, U., & BAPTISTA, M. (2011). **Cultural Tourism in the Urban Context.** Museum Routes – The cases of Aveiro and Ílhavo (Portugal)‖, Colloque International Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques, Paris, 20 e 21 de Janeiro.

MARTINS, Gustavo Henrique; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Eventos criativos associados ao turismo de base étnica como estratégia de desenvolvimento local nas comunidades indígenas e quilombolas da Microrregião do Litoral Sul**. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2019. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista Administração Pública,** v. 39, n. 4, p. 823-847, jul/ago. 2005.

MOLINA, S. **Turismo Creativo – El fin de la competitividad.** Chile: Escritores, 2011.
MTUR - Ministério do Turismo do Brasil. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília, 2010.

OLIVEIRA, J. M. S. R.; SANTOS, A. C. 2006. **O turismo como alternativa para o desenvolvimento da competitividade:** uma análise da "rota dos tropeiros" no Oeste de Minas Gerais. FACEF Pesquisa, V.9, N.3, p.332-342.

PAULA, J., & BASTOS, L. (2002), **―Fotointerpretação aplicada na optimização de rotas turísticas‖,** XII Simpósio Latinoamericano de Percepcion Remota, Cochabamba-Bolivia, XII, 6.

REIS, A. C. F. (org.). (2008). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento.** São Paulo: Itaú Cultural. REIS, A. C. F. (org.). (2008). Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural.

RICHARDS, G. (2003) – **Turismo creativo – una nueva dirección estratégica?** In Ortega, E. (ed) – Investigación y estratégias turísticas. Madrid: Thomson, p. 107-122
RICHARDS, G. (2011). **Creativity and tourism**: the state of the art. Annals of Tourism Research.

RICHARDS, G.; RAYMOND, C. **Creative tourism**. Atlas News, v. 23, 2000. p.17.

ROCHA, Luana Priscila Silva; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Experiências criativas em roteiros turísticos integrados no litoral sul**: Uma proposta de levantamento de atrativos e

elaboração de roteiros com produtos criativos na região. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2019. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

SANTANA, A. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações.** Trad. Eleonora Frenkel Barretto. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, A. A. 2004. **A importância do circuito turístico para o fomento da economia e da preservação ambiental – Caso "São Roque de Minas".** Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras.

SANTOS, Kaline Mendonça. **Fatores que afetam o apoio de residentes ao desenvolvimento do turismo em sítios arqueológicos:** Um estudo no Seridó Potiguar. 2014.92f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

SEBRAE. **Roteiros de Turismo.** Brasil: Sebrae, 2014. Disponível em: <http://www.sebraemercados.com.br . Acesso em: 13 novembo. 2020.

SILVA, Geyson Fernandes da; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Análise das percepções e do apoio da comunidade local de Vila Flor e Pedro Velho ao desenvolvimento turístico dos municípios**. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2020. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

SILVA, Gilmara Barros da. **Fatores capazes de influenciar o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo religioso em Santa Cruz – RN.** 2014. 112f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

SILVA, J. A. S. **Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em Cluster**. 2004, 480f. Tese (Doutorado em Geografia.) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo.

SILVA, Maria Analice Antônio da; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Classificação de residentes em relação ao apoio para o desenvolvimento turístico em comunidades indígenas**. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2017. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

SOARES, T. C. **Características do Turismo de Experiência: Estudo de Caso em Belo Horizonte e Sabará sobre Inovação e Diversidade na Valorização dos Clientes.** 2009. 99f. Monografia (Turismo)

STYLIANOU-LAMBERT, T. **Gazing from home:** Cultural tourism and art museums. Annals of Tourism Research, v.38, 2011. p.403–421.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City Tour**. São Paulo: Aleph, 2002

TEIXEIRA, A.; VICENTIM, F. M.; AGUIAR, V. 2006**. Circuitos turísticos e sua importância para o turismo no espaço rural brasileiro.** In: VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural. Equador. Anais...Quito.

TUDDA, L; SANTOS, ADRIANA B. A. dos. **Teorias para desenvolvimento da criatividade individual e organizacional.** In. RAD. São Paulo, v. 13, n.1, p. 116-133, Jan/Fev/Mar/Abr, 2011.

UNCTAD (2008). **Creative economy report**. http://unctad.org/fr/Docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em 03 de Outubro de 2020.

UNESCO. **Creative economy.** Report 2010. Nova York: United Nation, 2010.

VALLS, J. F. **Las claves del mercado turístico.** Bilbao: Ediciones Deusto, 1996.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo.** São Paulo: Aleph, 2011.

VEAL, A.J. **Metodologia da pesquisa científica em lazer e turismo.** São Paulo : Aleph, 2011.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

VIEIRA, Kaline Formiga. **Avaliação do apoio dos residentes no processo de gestão de projetos turísticos ambientais:** Um estudo do vale dos dinossauros – Sousa/PB. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. Indicadores de desarrollo sostenible para los destinos turísticos. Guía práctica. Madrid: World Tourism Organization, 2005.

APÊNDICE A: Instrumento de Coleta de Dados do Estudo.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - TORÉ

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - **6.1. Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre o significado/motivação/razão de existir do Toré, falar sobre sua finalidade e o que ele representa para a comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais membros participam, quanto tempo dura em média, onde e com que regularidade (dias e horários) ocorre o ritual?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais objetos e materiais são utilizados no Toré?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre a quanto tempo ocorre o Toré na comunidade? E a quanto tempo com regularidade?

12 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como e com quem aprendeu a fazer o Toré e a quanto tempo participa do ritual?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas de preparação do Toré, como é o passo a passo para que ele aconteça?

14 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre como é a participação ou comercialização do ritual para visitantes?

15 - Geralmente esse ritual tem sido passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição?

16 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo de como ocorre o Toré e em seguida comercializar a participação nesta experiência única para o visitante também? Por que?

17 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – AGRICULTURA FAMILIAR

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - **6.1. Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**
     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – Fale um pouco sobre o que é plantado pelo senhor(a), o que é mais importante para ser plantado, se existem motivos ou raízes históricas e/ou ambientais que explicam a preferência destes tipos de plantios.

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como ocorre o processo de plantio?

10 – Em média, quanto tempo leva para o plantio e quais os períodos?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como e com quem aprendeu a fazer o plantio e a quanto tempo trabalha com ele?

12 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre o plantio, o cuidado do que foi plantado e a colheita? Como também quais são os horários e locais ideais para essas atividades?

13 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre como e onde ocorre a comercialização dos produtos?

14 - Geralmente esse dom de trabalhar com agricultura familiar é passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição?

15 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo do plantio e colheita dos produtos e em seguida vender esses produtos para o visitante também? Por que?

16 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - ARTESÃO

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - **6.1. Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**
     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena/quilombola? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – Fale um pouco sobre os objetos confeccionados pelo senhor(a).

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais os materiais utilizados na confecção das peças?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco a finalidade dos objetos, quais as origens e significados de cada peça?

11 – Em média, quanto tempo leva para a produção das peças?

12 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como e com quem aprendeu a fazer artesanato e a quanto tempo trabalha com ele?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas de preparação dos objetos, como é o passo a passo para produção dos objetos?

14 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre como é a comercialização dos produtos?

15 - Geralmente esse dom de trabalhar com artesanato é passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição?

16 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo da produção do artesanato e em seguida vender esse artesanato para o visitante também? Por que?

17 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - GASTRONOMIA

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - **6.1. Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena/quilombola? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – Fale um pouco sobre as comidas típicas da comunidade que o senhor(a) produz.

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais os ingredientes utilizados na produção dos alimentos? Qual a origem deles?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre se é comum se alimentar com esses pratos/comidas na comunidade ou se existem comidas do dia a dia e outras de dias especiais/festivos.

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como e com quem aprendeu a fazer esses pratos/comidas e a quanto tempo trabalha com eles?

12 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas de preparação dos alimentos, como é o passo a passo para produção destes alimentos?

13 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre como e onde ocorre a comercialização destes produtos?

14 - Geralmente esse dom de trabalhar na preparação destes alimentos é passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição?

15 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo da produção dos alimentos e em seguida vender esses pratos para o visitante também? Por que?

16 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PLANTAS MEDICINAIS

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre as plantas medicinais encontradas na comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre em quais locais essas plantas são encontradas?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre a finalidade de cada planta medicinal encontrada na comunidade, como foram descobertas, para que eles servem?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como e com quem aprendeu o saber sobre as plantas medicinais e a quanto tempo o senhor(a) as usa?

12 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas de preparação dos remédios à base dessas plantas medicinais, como é o passo a passo para produção destes remédios?

13 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre como é o uso destes remédios pela comunidade e se existe comercialização dos produtos? Quais as contraindicações de cada?

14 - Geralmente esse conhecimento é passado de geração em geração? Tem sido repassado para novas gerações, está se mantendo viva essa tradição?

15 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo para reconhecer, preparar e utilizar as plantas medicinais? Por que?

16 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PINTURA

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre os tipos de pintura que são realizadas na comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco se essas pinturas possuem algum significados?

10 – Se sim, quais são os signicados de cada uma delas?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quem são as pessoas que fazem essas pinturas?

12 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre os materiais utilizados na pintura?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre as etapas e processos para a preparação dessa tinta utilizada na pintura?

14 -Para a realização da pintura necessita de algum material para a aplicação?

15 – O senhor pode falar como aprendeu a desenvolver a pintura corporal?

16 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade o passo a passo para fazer a pintura corporal? Por que?

17 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – TRILHA

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quantos quilômetros a trilha possui?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais são os pontos mais importantes do trajeto?

10 – Se sim, quais são e qual o signicados de cada uma delas?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quanto tempo leva para fazer a caminhada na trilha?

12 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre qual o tipo de vegetação é encontrada na trilha?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco se a trilha possui algum significado cultural para a comunidade?

14 - Qual a finalidade da trilha para os residentes?

15 – O senhor pode falar um pouco sobre a finalidade da trilha para o turismo?

16 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade sobre a trilha? Por que?

17 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – OFICINA DE TUPI

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quando iniciou a oficina de tupi na comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre qual o público dessa oficina?

10 – O senhor (a) poderia falar/comentar se há um lugar específico para a realização da oficina de tupi?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como é realizada a oficina de tupi?

12 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre qual o objetivo da oficina de tupi para a comunidade?

13 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade um pouco sobre a oficina de tupi? Por que?

14 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – FESTAS/EVENTOS

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quais os festejos/eventos são realizados na comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre as datas desses eventos?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre a importância desses eventos para a comunidade?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como esses eventos começaram?

12 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre cada um desses eventos, como são realizados e se possui algúem responsável por eles?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre quem criou esses eventos?

14 - O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre quais os motivos levaram a existência desses eventos na comunidade?

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA – TRILHA

TURISMO CRIATIVO E INOVAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COM BASE ÉTNICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DO CATÚ

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Nome:**_____
2. **Idade:**_____
3. **Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino
4. **Contato(s):** Telefone: ( )_____-____ E-mail:_____
5. **Endereço:**_____
6. **Profissão:**_____
   - 6.1. **Vive apenas desta profissão ou tem outra fonte de renda?**

     ( ) Desta profissão ( ) Outra fonte de renda
7. **Você se considera indígena? Se sim, fale um pouco sobre.**

Questões

8 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre as lendas contadas na comunidade?

9 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre o significado dessas lendas para os residentes?

10 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre como essas lendas surgiram?

11 – O senhor(a) poderia falar um pouco sobre quam são as pessoas que contam essas lendas?

12 – O senhor(a) pode falar um pouco sobre o motivo que levam os residentes a contarem essas lendas?

13 – O senhor(a) pode falar/descrever um pouco sobre cada uma dessas lendas citadas?

14 - Qual a importância desses lendas para os residentes?

15 – O senhor(a) teria interesse em demonstrar/ensinar por meio de oficinas ou aulas para visitantes da comunidade sobre a trilha? Por que?

16 – O senhor(a) teria interesse em fazer um curso de capacitação para fins de comercialização destas aulas/oficinas para visitantes?

APÊNDICE B: LISTA DOS RESIDENTES ENTREVISTADOS

RESIDENTES ENTREVISTADOS	
ATIVIDADES	**ENTREVISTADOS**
Artesanato	Graciliano Soares João Paulo de Sales Lima Jailson Cardoso da Silva MoisesTeodolino da Silva Simone Santana da Silva
Agricultura Familiar	Weliton Sales Maria da Piedade Ferreira dos Santos Daniel de Sena Soares Manoel José Soares Severino lima Soares José Fernandes da Cruz Soares Antônio Belo Ferreira
Gastronomia	Lenira Augusto da Silva Cordeiro Regiane da Silva Cordeiro
Festas/Eventos	José Luiz Soares Maria da Piedade de Sena Soares Consuelo Conceição Sena
Oficina de Toré	José Luiz Soares Graciliano Soares José de Alexandria Soares
Oficina Pintura	José Luiz Soares Graciliano Soares João Paulo de Sales Lima José de Alexandria Soares
Oficina Tupi	Claudiane
Trilha	José Luiz Soares José de AlexandriaSoares
Lendas	Fábio Junior Soares Manoel Ladislau Soares Vandregecílio Arcanjo da Silva Maria Zélia da Silva Rubens José Alexandria Soares
Plantas Medicinais	Maria de Lourdes Ferreira Maria Valdivino de Sena Soares

	Maria de Loudes Lima Josefa Pedro Soares

APÊNDICE C: Proposta de roteiro

Roteiro Noturno

16h30 – Recepção; espaço do acampamento

16h30 às 17h10 – Montagem das barracas

17h10 às 17h30 – Pôr do sol na comunidade

17h35 às 18h30 – Preparação do jantar com especiarias da culinária local (os visitantes participarão da preparação do jantar com o auxílio de um residente).

18h35 às 19h10 – Pausa para banho e descanço dos visitantes

19h10 às 20h00 – Jantar e explicação dos pratos servidos

20h00 às 20h30 – Ritual do toré

20h35 às 21h30 – Momento das lendas com um residente

21h35 às 05h30 – Descanço dos visitantes

05h35 às 05h50 – Deslocamento para a casa de um residente para o café da manhã

06h00 às 07h00 – Café da manhã

07h10 às 10h00 – Caminhada na trilha da comunidade

ANEXO A

Katu RECEPTIVO

ROTEIRO DE IMERSÃO CULTURAL

DATA: á ajustar

LOCAL: Catu dos Eleotérios (Canguaretama e Goianinha - RN)

ORGANIZADOR: Geyson (Cel.: 84 9473-0933)

Maria (Cel.: 84 99441-4685)

DESCRITIVO do PASSEIO

Este é uma visita à comunidade indígena do Catu, localizada nos municípios de Canguaretama e Goianinha - RN. Os participantes poderão vivenciar uma experiência inesquecível, conhecer o modo de vida dos nativos da comunidade e observar o cotidiano dos residentes, as atividades do dia-a-dia, a culinária local e a cultura. Os visitantes também poderão conhecer a trilha da comunidade. O custo por pessoa é de R$ --,--. Veja a programação.

PROGRAMAÇÃO

MANHÃ

07h30 – Recepção

07h35 às 08h00 – Café da manhã na casa de um nativo

08h00 às 08h30– Visitação ao jardim da cura; apresentação das plantas medicinais, exposição e comercialização das plantas.

08h30 às 09h00– Pintura corporal

09h00 às 09h30 – City tour; momento histórico cultural

- Surgimento da comunidade;
- Escola João Lino;
- Casas de farinha;
- Rio Catu;
- Igreja São João Batista;
- Agricultura familiar;

09h30 às 11h30 - Trilha ecológica do Catu

- Ritual do toré;

- Aplicação de argila;
- Hidratação capilar com Babosa

11h30 às 11h50 - Deslocamento para o restaurante olho do Catu

12h00- Almoço

CUSTO DO PASSEIO: R$ --,-- POR PESSOA.

O valor inclui:

- Café da manhã (café, leite, pão, cuscuz com coco, bolo de macaxeira, suco, frutas, tapioca com coco, batata doce, beiju, calambica);
- Pintura corporal indígena;
- Tour na comunidade;
- Orientações sobre a dinâmica da comunidade.
- Almoço

O valor não inclui:

- Despesas extras (artesanato indígena, plantas medicinais, água mineral ou outro gasto pessoal realizado durante a visitação)

Orientações para os visitantes:

- Vestir roupas leves e com proteção solar;
- Levar água;
- Usar tênis ou calçado fechado;
- Usar protetor solar;
- Usar um boné;
- Roupas de banho;

Obs; o percurso da trilha possui algumas espécies de plantas que são cortantes.

Acesso ao Catu:

Sentido Natal/RN - João Pessoa/PB.

Link do google map.: **https://goo.gl/maps/1ffLvEeGWtvW4W5U6**